

# Recursos Espirituais

NOVEMBRO 2009

## Í N D I C E

1. Compaixão Radicada no Evangelho Que Transforma 3  
**Byron D. Klaus**  
O evangelismo consegue ser continuamente eficaz sem atentar para os dilemas sociais atuais que as pessoas vêm enfrentando? A velha questão (e a resposta aparente) levantada por Caim ainda é contundente: "sou eu guardador do meu irmão?".
2. Deus Se Importa Com as Pessoas: Uma Perspectiva Pentecostal de Lucas/Atos 8  
**Craig S. Keener**  
Consequimos entender melhor o estilo de vida radical de serviço compassivo da primeira igreja pentecostal, e o que as nossas igrejas deveriam ser, examinando o ensino do Evangelho que a conduziu a isso.
3. Chegando Lá a Partir Daqui: Iniciando Ministério de Compaixão em sua Congregação 12  
**Heidi Rolland Unruh e Philip N. Olson**  
Que tipo de ministério de compaixão sua igreja deve exercer? A congregação irá apoiar? Enquanto os passos para o ministério da compaixão não são simples, este artigo prático deve indicar-lhe a direção correta.
4. Deixem meus Pastores Irem — Construindo e Equipando Igrejas para o Ministério de Compaixão 16  
**Brad Smith**  
Depois de haver estudado centenas de igrejas aparelhadoras eficazes, três princípios emergem em cada uma que estava aparelhando e dispondo pessoas nos ministérios de compaixão.
5. O Ciclo de Evangelismo e Discipulado: Um Processo Sem Fim 20  
**Randy Hurst**  
O ciclo de evangelismo e discipulado é um processo sem fim de alcançar e reter as pessoas que se tornam cidadãs do Reino eterno de Cristo.
6. O Evangelismo Compassivo 22  
**John Lindell**
7. Vida no Liquidificador: Ministrando às Necessidades das Famílias Recasadas 23  
**Donald R. Partridge**  
Alguns mais exatamente adaptam-se a ser quebrantados e continuamente algemados como pai/mãe sozinhos e membros de famílias recasadas. Trabalhar com famílias recasadas e pais/mães solteiros irá se tornar um ministério predominante em sua igreja?
8. Seja um Barnabé; Siga um Paulo; Treine um Timóteo 28  
**Paul R. Martin**  
Descubra como as relações entre três ministérios em desenvolvimento do Novo Testamento são chave para a diminuição da taxa de atrito entre os ministros.



O saudoso pregador escocês, Alexander Whyte, sempre encontrava algo para dar graças a Deus diante da congregação durante sua pregação pastoral aos domingos.

Um certo domingo começou com ventania e tempestade de fazer tremer os ossos. Dois diáconos chegaram cedo para abrir as portas da igreja e um deles comentou: “Eu não creio que o Dr. Whyte terá algo para dar graças a Deus em um dia como este”.

Para surpresa dos diáconos, o Dr. Whyte começou sua pregação dizendo: “Senhor, agradecemos porque nem sempre é assim”.

A Psalm in Your Heart (Um Salmo em Seu Coração)  
De George O. Wood



## Life Publishers International

© Copyright Life Publishers 2009

Publicado por Life Publishers, Springfield, Missouri - EUA

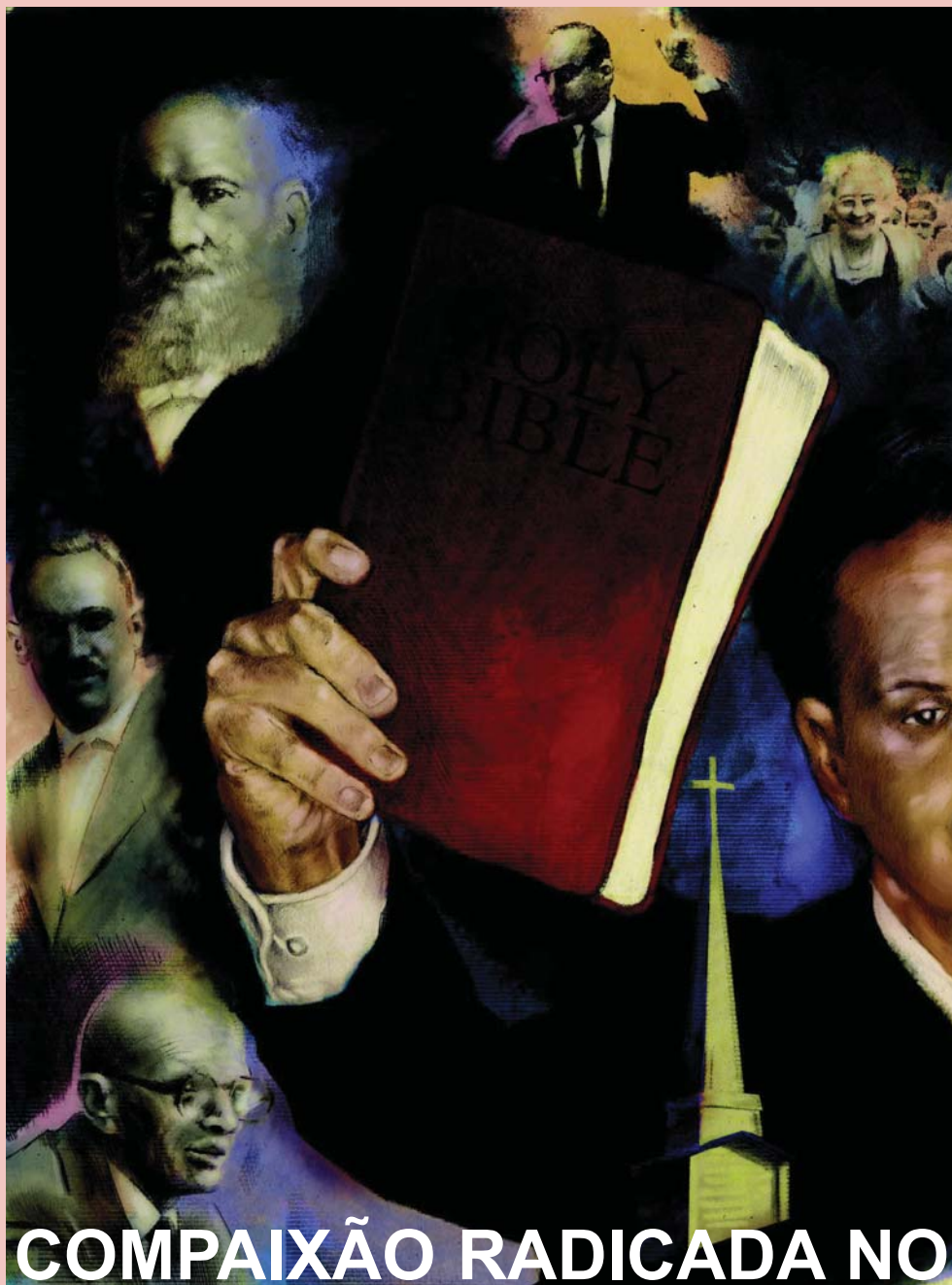
Todos os direitos reservados.

Agora você pode acessar online Recursos Espirituais em 13 idiomas. Visite o website do Enrichment Journal e teclé na opção desejada. Você será direcionado para um dos treze idiomas que selecionar: português, espanhol, francês, alemão, russo, ucraniano, romeno, húngaro, croata, tâmil, bengalês, malaio ou hindi.

Você terá então oportunidade para ler os periódicos online ou pode ainda transferir os arquivos, para sua conveniência. As informações para contato encontram-se em

<http://www.enrichmentjournal.ag.org>

Entre em contato conosco para obter informações adicionais ou fazer perguntas através do e-mail [enrichmentJournal@lifepublishers.org](mailto:enrichmentJournal@lifepublishers.org)



# Evangelho Que Transforma

**POR BYRON D. KLAUS**

A realidade das tragédias humanas que hoje acontecem não pode ser evitada recusando-se simplesmente reconhecer seu significativo impacto sobre boa parte do mundo. As estatísticas indicam que, em 2005, 16 milhões de crianças na África terão ficado órfãs por causa da AIDS. Outras 35.000 crianças morrem diariamente por causa de doenças passíveis de prevenção, normalmente relacionadas à deficiência de água limpa e saneamento. Uma indústria de sexo massivo aproveita-se dos pobres do mundo não-ocidental, onde os pais vendem filhos para a prostituição simplesmente para conseguirem a si mesmos sobreviver. Como indivíduos, ainda que nosso coração possa partir sob a prospecção de milhões de pessoas morrendo de fome na Etiópia no ano que vem, nossa resposta corporativa como cristãos pentecostais requer mais do que comiseração ou mesmo empatia. O desafio de uma resposta que faça sentido e bíblicamente abonada requer consciência honesta e completa de nossa história como pentecostais e nosso posicionamento no espectro mais amplo do Cristianismo americano.

## NOSSO ENFOQUE HISTÓRICO

Desde o início, as Assembleias de Deus se comprometeram com “a maior evangelização que o mundo já vira”. Temos sido motivados a “trabalhar... enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar” (Jo 9.4), porque acreditamos no retorno de Jesus Cristo em breve. O poder outorgado pelo batismo no Espírito Santo e a crença de que o retorno de Jesus está às portas tem historicamente motivado as Assembleias de Deus a esforços missionários concentrados no sentido de plantar igrejas indígenas.

Desde cedo os pentecostais definiram este ponto focal claramente. Em 1920, J. Roswell Flower escreveu na revista Pentecostal Evangel (Evangelho Pentecostal), “A comissão pentecostal é a de testemunhar, testemunhar, TESTEMUNHAR... É tão fácil ficar nas laterais para fazer trabalhos muito bons em si mesmos, mas ínfimo segundo o padrão pentecostal”.

*Seria historicamente inexato sugerir que as pessoas comprometidas com a evangelização mundial têm sido remissas em sua paixão pelas pessoas acometidas por tragédias de pobreza e injustiça*

Alice Luce, estrategista em missões das Assembleias de Deus, sintetiza o ponto focal pentecostal: “Ao sairmos para pregar o Evangelho pleno, vamos esperar uma experiência como aquela dos missionários denominacionais ou devemos procurar os sinais a seguir?”.

É muito claro que os esforços pentecostais para alcançar o mundo foram focados na evangelização que planta igrejas no poder do Espírito Santo. É historicamente compreensível também porque o escopo deste ministério foi tão contundente. O século XIX foi o que os historiadores chamaram de “Século Cristão”. O século XIX viu o movimento das missões modernas ganhar ímpeto e florescer. Entretanto, este grande esforço missionário cresceu no contexto dos impérios coloniais mundiais. Uma parte central dos esforços missionários mundiais foi a de “civilizar” as pessoas como parte do processo de “cristianizá-las”. Desta forma, estruturas formais, como a construção de escolas e hospitais, integraram os esforços missionários do século XIX.

Quando apresentou sua perspectiva sobre o que deveríamos esperar da pregação do “Evangelho pleno”, Luce estava claramente referindo-se à substituição das estratégias de “civilizar e construir estruturas” do século XIX pela confiança no Espírito Santo, com sinais e maravilhas para acom-

panhar a tarefa. Os pentecostais afirmavam uma “estratégia radical” para esforços missionários que o século cristão havia minimizado. J. Philip Hogan definiu o caso para o planejamento de igrejas indígenas: “A prova da experiência ensinada nestes dias que a unidade de evangelismo mundial final e única a lograr êxito é a Igreja. Com honestidade, sobre os ombros da Igreja repousa a comissão e a responsabilidade de evangelizar o mundo. Qualquer custo que não tenha como objetivo final a construção de uma igreja testemunha não pode ser o melhor de Deus para esta hora”.

Esta afirmação de Hogan sintetiza uma posição formada não apenas no mover soberano do Espírito Santo, mas também no espectro mais amplo do Cristianismo americano. O século XIX foi um período de tempo em que o pensamento religioso europeu penetrou a igreja nos Estados Unidos. O que tornou-se conhecido como o debate “modernista/fundamentalista” foi empreendido. As crenças cristãs elementares, como a autoridade das Escrituras, o nascimento virginal, a deidade de Cristo, a expiação vicária e a ressurreição de Cristo foram solapadas pela influência da erudição. Como resultado deste debate, foram traçadas linhas entre aqueles cristãos que queriam focar em ganhar almas e aqueles que afirmavam um evangelho social que valorizasse a mudança social e a reforma como escopo dos esforços ministeriais cristãos. Um imenso ramo no Cristianismo americano estava se formando e o ponto crucial foi personificado no Scopes Monkey Trial, que aconteceu no Tennessee em 1925. A posição “modernista” é personificada no advogado de defesa Clarence Darrow, cuja retórica e defesa da evolução sendo ensinada em escolas públicas estava claramente apresentada. A posição “fundamentalista” era defendida por William Jennings Bryan, o populista de Nebraska, cuja apresentação na corte soa mais como um encontro evangelístico à la Billy Sunday. A atenção da nação estava concentrada neste julgamento porque personificava as convicções religiosas da nação, destacando a bifurcação do Evangelho em evangelismo versus ação social como uma experiência americana única. O Scopes Trial solidificou as linhas consideráveis de opinião dentro do Cristianismo americano e, antes ainda do alvorecer de 1947, Carl F.H. Henry escrevia em *The Uneasy Conscience of Modern Fundamentalism* (A Consciência Inquietada do Fundamentalismo Moderno) que os cristãos crentes na Bíblia estavam desafiados a reconsiderar as implicações mais amplas do Evangelho.

## UMA AVALIAÇÃO HONESTA

Então, o que significa esta breve lição histórica para as Assembleias de Deus e a igreja pentecostal no todo? Primeiro, devemos reconhecer que nosso foco missionário foi forjado em meio ao corretivo que Deus soberanamente dá à Igreja. Uma “estratégia radical” que conta com o poder do Espírito Santo é necessária para energizar a evangelização mundial. O século XX testifica o que os historiadores certamente reconheceriam como o “Século Pentecostal”. Em 1900, somente 5% dos cristãos no mundo eram não-ocidentais. Hoje,

mais de dois terços dos cristãos no mundo é não-ocidental. Seja qual for o cálculo, a estratégia pentecostal sobre a qual falou Alice Luce tem sido eficaz.

Devemos também reconhecer que nossa “estratégia radical” pentecostal foi forjada em meio a um debate mais amplo empreendido no Cristianismo americano enquanto o Pentecostalismo se encontrava nos estágios iniciais. O debate modernista-fundamentalista resultou na divisão entre estratégias de evangelismo e ação social. Em função de nossas convicções doutrinárias afins com o Cristianismo ortodoxo, é compreensível que as Assembleias de Deus colocassem sua ênfase nas prioridades da sua doutrina e salvação das pessoas por meio do esforço evangelístico outorgado pelo poder do Espírito como foco primordial.

No entanto, seria historicamente inexato sugerir que as pessoas comprometidas com a evangelização mundial têm sido remissas em sua compaixão pelas pessoas acometidas por tragédias de pobreza e injustiça. Na sequência da Guerra Civil Americana, um imenso êxodo da sociedade rural para urbana começou a ocorrer. Acompanhado de imigração maciça do Oriente e Europa Setentrional, a industrialização da economia e a imigração massiva produziram as realidades urbanas as mais implacáveis. Seguindo o padrão do Exército da Salvação da Inglaterra, os ministérios evangelísticos invadiram as favelas das cidades americanas e propiciaram alívio para suas tragédias sociais, que eram as realidades daquele dia. Moradias para auxiliar o alcoólatra, a prostituta, o tuberculoso foram construídas. Escolas Dominicais que atendiam às necessidades de crianças onde os pais trabalhavam sete dias por semana em fábricas foram os maiores fatores de estabilização nessa época.

Uma das influências mais prementes nas Assembleias de Deus foi a de A. B. Simpson e sua Aliança Cristã e Missionária; ele não somente influenciou os pentecostais com sua mensagem do Evangelho de Quatro-Faces, como também serviu para dar destaque à conexão entre o evangelismo agressivo, a afirmação de cura divina e o retorno breve de Jesus Cristo. Para Simpson, “há lugar não somente para o louvor a Deus, o ensino da verdade sagrada e a evangelização do perdido, mas também para cada fase da filantropia e da serventia prática. Estes aspectos podem ser, em perfeita manutenção com o simples ardor e dignidade da igreja de Deus, o trabalho passado agressivo para as massas e a evidente boa-vinda para toda a classe de homens pecadores; o ministério de cura para o doente e sofredor administrado em nome de Jesus, a mais completa provisão de alívio caridoso, palestras para o desempregado, casas para os órfãos, abrigos para os necessitados, refúgio para os inebriados, o pai e os necessitados. E não há trabalho que glorifique mais a Deus que uma igreja que abraça tão somente tais âmbitos e atendimentos”.

Logo os pentecostais também exemplificaram as prioridades de A. B. Simpson em seus ministérios. Muitos destes primeiros missionários pentecostais eram mulheres solteiras chamadas para missões no fervor do Holiness Movement (Movimento de Santidade) do final do século XIX. Minnie Abrams foi uma dessas senhorinhas que serviu na Índia. Seu

encontro com o batismo do Espírito Santo levou-a a escrever um panfleto chamado “O Batismo do Espírito Santo e Fogo” que fez com que a ênfase no Espírito Santo ganhasse raiz no Chile. Até a sua morte, o trabalho da srta. Abrams combinou o ministério dedicado a viúvas e órfãos com a evangelização de grupos ainda não alcançados.

Em toda a sua vida adulta, Lillian Trasher serviu no Egito em meio às viúvas e órfãos. Em seus quase cinquenta anos de ministério no Assiout Orphanage, ela esteve comprometida com ganhar os perdidos e ministrar com compaixão a milhares. Florence Steidel cuidou de portadores de lepra na Libéria. Combinando o ministério de evangelismo, compaixão e outorga econômica, Steidel estabeleceu um dos ministérios de compaixão mais eficazes na história das Assembleias de Deus. O ministério de George e Carrie Judd Montgomery combinava cura com evangelismo e o serviço a órfãos e resgate de meninas. Os exemplos mais recentes desta combinação de alma e corpo são expressos nos esforços realizados em Calcutá por Mark e Huldah Buntan e o impacto considerável da Latin America ChildCare fundada por John e Lois Bueno.

Porém, ainda remanescem questões sobre onde deve ser colocada a ênfase das Assembleias de Deus. Nosso compromisso histórico para o evangelismo mundial tem estado claramente no centro de nossos esforços de missão e ministério em âmbito global. E mais, há exemplos óbvios de pentecostais que escolhem não ser apanhados na bifurcação histórica americana entre o evangelismo e o enfoque social. Esse honesto reconhecimento deve considerar os imensos desafios globais que estão despontando somente na próxima década.

O Senhor soberano da colheita constituiu um corretivo poderoso para o movimento missionário no século XIX ao dar início a um reavivamento pentecostal que induziu ao crescimento sem precedentes do Cristianismo no século XX. Em face da fome, da epidemia de AIDS, de métodos econômicos, de guerra e de violência, o que poderia dizer o Senhor da colheita a uma igreja pentecostal para dar prosseguimento ao ministério de forma mais eficaz?

A outorga de poder do batismo no Espírito Santo é verdadeiramente a fonte única de esperança e a possibilidade de vida com significado para muitos no mundo não-ocidental. Deveríamos escutar cuidadosamente os irmãos e irmãs pentecostais cujo entendimento do poder outorgado no batismo no Espírito Santo tem sido refinado em meio à tragédia, pobreza, injustiça e vida às margens. Bolsista das Assembleias de Deus em Porto Rico, Eldin Villafañe diz, sucintamente: “o batismo no Espírito é inequivocamente visto como concessão de poder para o serviço, impactando o crente profundamente ao conferir-lhe uma coragem tremenda, um elevado senso de santidade pessoal e um novo senso de autovalor e poder pessoal. A igreja pentecostal detém os recursos espirituais para enfrentar os encontros de poder espiritual de nossas lutas na alma. Se o objeto de batismo no Espírito Santo for a missão contínua do Messias, então o desafio que permanece para os pentecostais é tomar o papel vocacional e profético mais amplo do batismo no Espírito

Santo". Villafañe está afirmando simplesmente que o batismo no Espírito Santo pode ser confiado por causa da outorga de poder na mais dolorosa das circunstâncias. Não importa o nível de necessidade ou obstáculo a esperar, nós podemos confiar que o poder do Espírito está presente em medida suficiente para demonstrar o reino dramático do Rei dos reis e Senhor dos senhores sobre todos os desafios.

Um pentecostal da Índia fala acerca de seu contexto, onde a outorga de poder do Espírito Santo deve ser adequada para aquele contexto em que os problemas sociais são a realidade do dia. Ele diz: "No poder do Espírito Santo o homem torna-se seguro para construir para si mesmo uma sociedade justa, humana, pacífica e justa. Se quisermos ganhar a Índia para Cristo, temos que nos cingir e estar prontos para a batalha. Vamos lutar pelo marginalizado, o lançado ao ostracismo, o intocável, a prostituta e o cliente, a criança cuja infância foi roubada. A necessidade do dia é de cristãos socialmente ativos, que aceitem o desafio lançado sobre nós pelas forças do mundo".

Podemos ver que os pentecostais carregam perspectivas variáveis sobre as dimensões sociais de ministério. Será que os *insights* desses irmãos e irmãs poderiam ser uma voz profética para nós, americanos?

## FUNDAMENTOS PARA NAVEGAR EM MEIO AOS DESAFIOS DO SÉCULO XXI

Os pentecostais têm sempre olhado para a Bíblia para o entendimento claro de suas experiências espirituais e buscar fundamento autorizado para os esforços ministeriais. O Evangelho é eminentemente pessoal, pois cada pessoa deve ter um encontro com Deus e escolher aceitá-LO ou rejeitá-LO. Porém, quando o Evangelho transforma um indivíduo, há

*Todo ser humano é integrante de uma situação social e a Bíblia deixa claro que é impossível amar a Deus e ao mesmo tempo odiar o próximo*

implicações que são de ordem social. Todo ser humano é integrante de uma situação social e a Bíblia deixa claro que é impossível amar a Deus e ao mesmo tempo odiar o próximo (1Jo 4: 20.21). Uma transformação pessoal pelo Evangelho tem resultados sociais porque a graça salvadora de Deus é estendida à humanidade em uma situação social, e não à parte. Reconhecer que esta conexão dentro do Evangelho não é um "evangelho social". É o poder de Jesus Cristo para perdoar completamente e salvar os que a Ele se achegam" (Hb 7.25).

Há também algumas áreas em que devemos ser cautelosos para entender mais completamente nossa afirmação so-

bre a relação entre o tema bíblico do reino de Deus e nossa compreensão do final dos tempos (escatologia). Peter Kuzmic, pentecostal croata, fornece uma visão a respeito destas tensões temáticas. Observa que os evangélicos (incluindo os pentecostais) têm a tendência inerente de supersimplificar assuntos complexos, até mesmo os ensinamentos de Jesus sobre o Reino de Deus. Kuzmic alerta-nos a evitar que mantenhamos separados o presente e o futuro. Enquanto vivemos entre os "já cumpridos" e os "ainda não completos", a primeira vinda de Jesus é o evento decisivo do ensino do Evangelho. Em Jesus Cristo, o futuro começou e o fim não constitui uma dúvida. Com o estabelecimento da Igreja como o local onde o Espírito habita, a vitória de Cristo estabeleceu o retrato visível do que significa ser redimido e viver como pessoas redimidas em um mundo não redimido (2Co 5.17-20). Kuzmic alerta-nos que postergar a significância do Sermão da Montanha e outros segmentos das implicações do Novo Testamento para a vida moral exerce uma divisão entre o poder mais pleno do Evangelho e sua serventia presente. Citando o erudito evangélico argentino, René Padilla, Kuzmic argumenta que "à luz do ensino bíblico, não há lugar para nosso 'outro mundanismo' que não resulte no compromisso do cristão para com seu próximo, radicado no Evangelho. Não há lugar para estatísticas sobre quantas almas morrem sem Cristo a cada minuto, se não forem consideradas quantas dessas pessoas morrem vítimas da fome. Não há lugar para o evangelismo que, como o homem que foi assaltado por ladrões na estrada de Jerusalém a Jericó, o vê somente como uma alma que deva ser salva e ignora o homem".

Nossa visão de futuro impacta a maneira como vivemos no presente. O reino de Cristo critica severamente nosso estado atual de coisas no mundo e chama as pessoas redimidas para dar um relance visível àquilo que o futuro pode parecer. Ao invés de olhar para a questão da compaixão e o Evangelho com receio de que o compromisso evangelístico histórico possa ser neutralizado, eu olharia para esta discussão com antecipação de que nossa eficácia para ministrar o Evangelho poderia ser intensificada. A pressão das necessidades globais e quebras óbvias em nossa própria sociedade chama-nos para humildemente virmos ante o nosso Senhor com um desejo de avivar nossos esforços. Questões críticas se formam no horizonte. Será que nossa atenção com as preocupações sociais refreia nosso evangelismo? O evangelismo consegue ser continuamente eficaz sem atentar para os dilemas sociais atuais que as pessoas vêm enfrentando? A velha questão (e a resposta aparente) levantada por Caim ainda é contundente: "sou eu guardador do meu irmão?" (Gn 4.9). A prosperidade cristã chama-nos para uma responsabilidade cristã maior em relação a nossos irmãos seres humanos em todo o mundo? Deveriam/podem as organizações baseadas na fé permanecer verdadeiras a seus chamados ministeriais e às diretrizes das organizações governamentais da qual recebem fundos? Da mesma forma que nossos pioneiros pentecostais enfrentaram questões críticas há cem anos com relação à dinâmica pentecostal do batismo no Espírito, o ministério no poder do Espírito, e a urgência da hora impactou

a evangelização mundial, devemos, humilde e criticamente, discutir nosso contexto atual com reflexão teológica séria.

Adentramos a reavaliação necessária com uma vantagem notável. O significativo crescimento das Assembleias de Deus no mundo tem visto uma grande porção desse aumento ocorrer entre os mais destituídos e vulneráveis dois terços do mundo. Temos verdadeiramente sido uma igreja dos pobres, em meio aos pobres, e nossas igrejas locais em redor do mundo têm sido uma rede massiva de esforços com origem no povo, cuidando das necessidades das pessoas em seus contextos locais. As Assembleias de Deus não têm se esquivado da responsabilidade com os pobres. J. Philip Hogan sucintamente define sua posição:

“Temos investido milhões de dólares e dedicado vidas sem conta para alimentar as pessoas famintas, desprovidas de roupa, de teto, educado crianças, treinado adultos em condição de desvantagem, e proporcionado cuidado médico para fisicamente enfermos de todas as idades. Temos sempre respondido generosamente aos apelos das nações após os desastres naturais — furacões, enchentes e terremotos. Como diretor destes esforços intercontinentais desta Fundação, quero que o mundo saiba que a razão pela qual fazemos estas coisas é porque Jesus Cristo o fez. A razão pela qual amamos as pessoas é porque Jesus Cristo as amou. Não temos outro motivo além deste. Nossos esforços para o alívio são inseparáveis do nosso testemunho sobre o Evangelho.”

Como participamos deste tempo de refinamento, a solene sabedoria do venerável Melvin Hodges vale nossa consideração. Comprovadamente o missionário mais célebre nas Assembleias de Deus, Hodges está normalmente associado à implantação e desenvolvimento de igrejas indígenas. Entretanto, como viveu e trabalhou em meio à pobreza e a revoltas camponesas na América Central, Hodges refletia profundamente sobre as questões sociais ao dizer: “Por natureza os cristãos amam a justiça e odeiam a iniquidade. Por isso, estarão advogando toda e qualquer causa e empenhando-se para mostrar boa vontade a todos os homens”. Hodges gostava de dizer que “As pessoas não são almas sem ouvidos”.

Em *A Theology of the Church and Its Mission* (Uma Teologia para a Igreja e sua Missão), Hodges expõe suas diretivas para a questão social. Uma sinopse dessas diretivas incluiriam o seguinte:

- Devemos manifestar o amor de Deus e ajudar, na medida do possível, os nossos próximos. Deus espera de nossa parte manifestações produtivas de Seu amor.
- A igreja local é o centro de todo ministério voltado para a ação social.
- Todo programa de ação social deve apontar as pessoas para a mensagem central de redenção por meio do sangue de Jesus Cristo.

- Nosso ministério para as necessidades sociais não deve jamais despertar expectativas inaceitáveis ou legalistas nas pessoas que estão sendo servidas.
- Devemos nos certificar de que nosso ministério está alcançando necessidades reais. Não devemos nos envolver em competições destrutivas com agências seculares.
- Devemos exercer o ministério de forma a ajudarmos as pessoas a ajudarem a si próprias.
- Devemos lembrar somente que estas coisas realizadas pela redenção da humanidade ficarão para a eternidade.

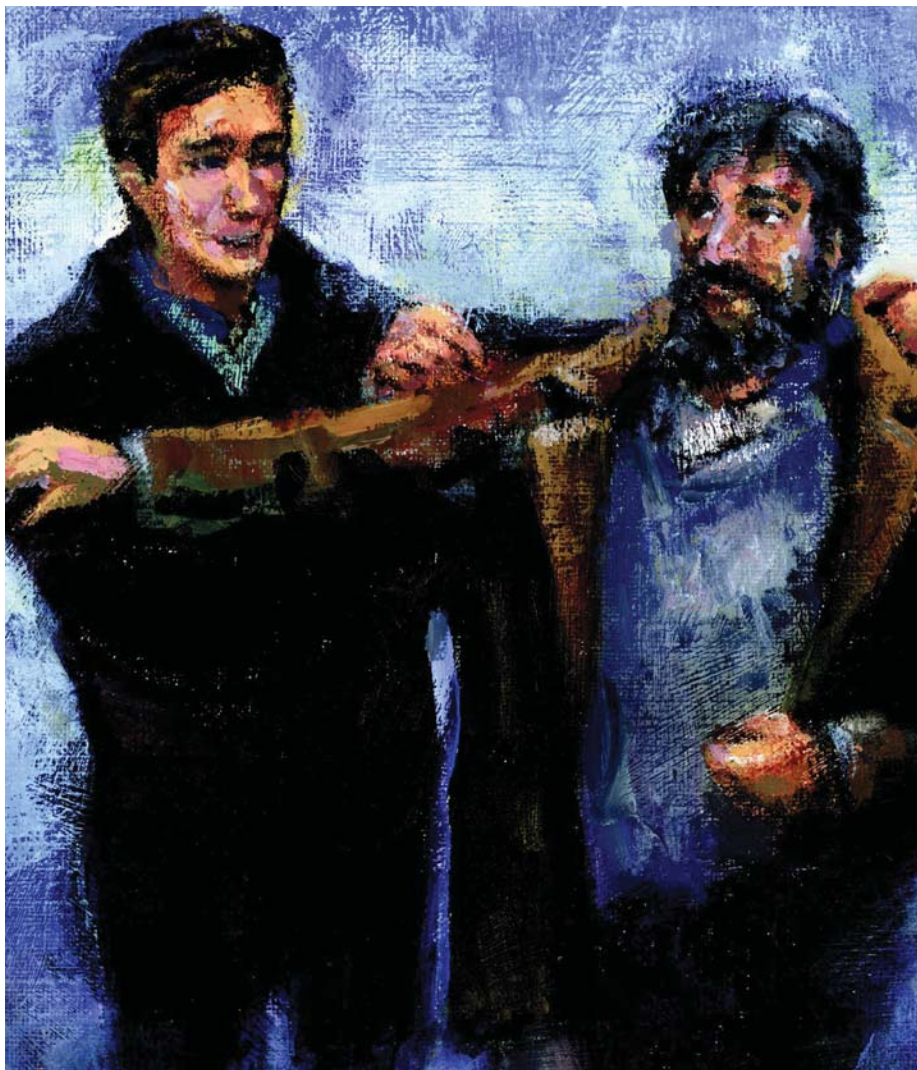
Uma declaração sucinta de Hodges sobre ação social foi: “É evidente que os evangélicos não têm como alvo o homem integral. A primazia recai sobre a necessidade espiritual dos homens, uma vez que abre caminho para tudo o mais. Os evangélicos consideram que sua tarefa é comunicar o Evangelho de Jesus Cristo tanto pela proclamação como pela ação, brilhando também a vossa luz diante dos homens para que vejam as vossas boas obras e sejam conduzidos a Cristo” (Mt 5.16).

O missionário Doug Petersen, das Assembleias de Deus, utilizou seu trabalho entre os pobres da América Latina para escrever um volume intitulado *Not By Might Nor By Power* (Nem Por Força Nem Por Poder). Doug sugere que toda pessoa que participa de um ministério de compaixão deve ter um relacionamento com Jesus Cristo, que é um encontro radicalmente transformador que traz a pessoa sob o foco único da lei de Deus. Esta derrocada espiritual radical que acontece lança uma pessoa no mundo sob o poder do Espírito Santo para assumir uma participação responsável por parte do pobre através de uma comunidade local de crentes. O batismo no Espírito Santo propicia um ato da graça de Deus em que uma pessoa é aparelhada para evangelizar e introduzir a justiça como consequência de um encontro com Deus. O contexto em que se encontram os crentes pentecostais de fato não define as necessidades a serem discutidas; é, antes, um ponto de inserção em que o poder transformador do Evangelho ganha visibilidade por uma comunidade pentecostal, pelo testemunho do poder do Espírito e pela ação do poder do Espírito que testifica do Evangelho que transforma vidas, eterno de nosso Senhor. A mágoa das pessoas sofredoras não pode ser evitada. Mas será que estaríamos encontrando aberta uma porta de oportunidade para apresentar àqueles levados para as margens da vida a mensagem transformadora de Jesus Cristo? Se sobrevivermos às implicações plenas do Reino sob cujo domínio vivemos — na Palavra de fato — poderíamos continuar a ver a maior evangelização que o mundo já viu. ■



**Byron D. Klaus, M. D.,** é presidente do Seminário Teológico das Assembleias de Deus (AGTS), em Springfield, Missouri, EUA.

## Deus Se Importa Com as Pessoas: Uma Perspectiva Pentecostal de Lucas/Atos



*Everett e Esther Cook eram plantadores de igrejas pentecostais, aposentados, do oeste dos Estados Unidos. Eu os encontrei quando estavam à frente do Springfield Victory Mission, em Missouri, utilizando a renda da aposentadoria da Brother Cook. Everett e Esther Cook mentorearam alguns alunos do Central Bible College, inclusive eu. Eu ajudava na missão, colocando em prática o que estava aprendendo com a Bíblia e com o livro de Ronald Sider intitulado Rich Christians in Age of Hunger (Cristãos Ricos em Tempos de Fome).*

.....  
**POR CRAIG S. KEENER**

O ministério dedicado aos pobres tem sido sempre uma ênfase pentecostal importante — a começar no Dia de Pentecostes. Depois do primeiro derramar do Espírito de Deus e da pregação pentecostal de Pedro, os cristãos passaram a viver sob a outorga de poder pelo Espírito (At 2.41-47). Isso incluía não somente sinais e maravilhas, oração corporativa e devoção ao ensino dos apóstolos, mas um estilo de vida radicalmente novo de servir e compartilhar. Porque aqueles cristãos amavam seus irmãos cristãos mais do que amavam suas posses, estavam predispostos a dividi-las para atender a necessidade de outros (At 2.44). Sempre que alguém se encontrava em necessidade, aqueles que possuíam mais que o suficiente para viver vendiam o que tinham a mais para atender à necessidade de ou-

tros (2.45). Quando lemos a respeito de *koinonia* (comunhão) em Atos 2.42, às vezes pensamos somente em bater um papo depois de um culto (agradável como é), porém, os “irmãos” cristãos iam além do mero bate-papo para se envolverem profundamente na vida e na necessidade uns dos outros. O termo grego *koinonia* aparece em documentos comerciais antigos para parceiros econômicos e acionistas e, às vezes, carrega este significado no Novo Testamento também (2Co 8.4; 9.13). Paulo comumente utilizava o verbo com este significado (Rm 12.13; 15.27; Gl 6.6, Fp 4.15).

Depois de a igreja orar, ao enfrentar perseguição, para que lhes concedesse coragem através de sinais e maravilhas, Deus derramou Seu Espírito mais uma vez. Um dos resultados deste derrama-

mento foi os cristãos novamente cuidarem dos necessitados entre eles (4.31-37). Este padrão de cuidado com os pobres prosseguiu no Livro de Atos (por exemplo, 9.36-39), finalmente atravessando fronteiras culturais para servir outros grupos de necessitados cristãos na mesma cidade (6.1-6) e em fronteiras geográficas para servir igrejas necessitadas em outras localidades (11.29-30; 24.17). Esse ministério prosseguiu além da conclusão do Livro de Atos e além da preocupação com os irmãos cristãos (exemplo: Tg 5.4-5, Am 2.1), embora necessariamente tivesse que começar lá. Em meados do século II, os pagãos ricos começaram a instigar os cristãos a não cuidarem somente de seus próprios pobres, mas também os do mundo pagão. Enquanto os pagãos ricos reclamavam, a Igreja estava convertendo a maio-



ria empobrecida de seus impérios.

Onde os primeiros cristãos aprenderam a servir uns aos outros dessa maneira? O Espírito deu-lhes o poder para sacrificar em prol do Reino. O aspecto mais proeminente de Seu fruto em nossas vidas é o amor (Gl 5.22). Mas o ensino e o exemplo de Jesus mostravam-lhes como o amor pode ser concretamente expresso e o Evangelho Segundo Lucas apresenta este ensino com riqueza de detalhes. Porque Lucas escreveu para que fossem lidos juntos o Evangelho Segundo Lucas e o Livro de Atos, conseguimos entender melhor o estilo de vida radical de serviço compassivo da primeira igreja pentecostal, e o que as nossas igrejas deveriam ser, examinando-se o ensino do Evangelho que a conduzia a isso.

### A MISSÃO DE JESUS PARA O POBRE

Os escritores antigos, assim como os modernos, normalmente pautavam logo no início sua tese central e sintetizavam os pontos centrais em seus trabalhos. Muitos eruditos consideram Lucas 4.18-27 como o sermão programático do Evangelho Segundo Lucas, da mesma forma que Atos 1.8 e 2.17-21 expõe os temas a serem tratados no Livro de Atos. Os temas desta passagem (Jesus sendo ungido pelo Espírito, At 4.27; 10.38) são apresentados mais tarde em Lucas-Atos. A menção a Jesus pelo ministério de profetas anteriores para uma viúva estrangeira e um leproso prefigura não somente Seu próprio ministério a viúvas e leprosos no Evangelho (por exemplo, Lc 5.12-13; 7.12), mas também o ministério da Igreja para gentios no Livro de Atos. Jesus cumpriu a promessa de Isaías de que Ele pregaria as boas-novas aos pobres (Lc 6.20-25) e, mais tarde, disse a João que os sinais do Reino incluem os pobres ouvindo as boas-novas (Lc 7.22).

Como a missão de Jesus no Evangelho Segundo Lucas nos afeta? Porque o batismo de Jesus no Espírito e a missão no Evangelho Segundo Lucas prefiguram a experiência e o ministério da Igreja em Atos, Seu modelo e missão permanecem válidos para Seus seguidores. Embora o enfoque no segundo volume de Lucas seja especialmente o evangelismo transcultural com outorga do Espírito (missões,

At 1.8), o ministério aos pobres que sucedeu os derramamentos do Espírito demonstram que esta ênfase no Evangelho permanece válida para a igreja de hoje também (At 2.44,45; 4.32-34). Nós somos chamados primeiramente para evangelizar o mundo; mas somos chamados também para cuidarmos do mundo que estamos evangelizando.

Jesus anunciou Sua missão baseado em um texto das Escrituras extraído de Isaías (Is 61:1-2 em Lc 4.18,19). Seus ouvintes, conhecedores também do Livro de Isaías, estariam portanto familiarizados com a ênfase do profeta em cuidar dos pobres e estabelecer justiça na sociedade. Se Israel negligenciasse estas questões, seus rituais religiosos não impressionariam a Deus de forma alguma e Ele não consideraria suas orações (Is 1.11-17; 58.5-7). Isaías denunciou aqueles que estavam oprimindo o pobre (por exemplo, Is 10.2), preocupados somente com acumular mais para si (Is 5.8); exortou os líderes da sociedade, que deveriam ter estabelecido justiça com maior responsabilidade (Is 3.14,15). Outros profetas também vindicavam justiça, inclusive Amós, um dos contemporâneos de Isaías (por exemplo, Am 2.6,7). Tanto quanto Isaías, Amós arazoava que os sacrifícios e a religião exterior são vãos, a menos que trabalhemos para transformar a sociedade moralmente, estabelecendo justiça para aqueles que estão sendo maltratados (Am 5.21-24). Assim como o primeiro público de Jesus, nós estamos familiarizados com outras passagens relevantes dos profetas; por exemplo, defender os direitos dos necessitados é intrínseco ao nosso relacionamento com Deus (Jr 22.16), entre os pecados de Sodoma estava o de ignorar o pobre (Ez 16.49); e mesmo um reino pagão poderia estender sua longevidade ao demonstrar misericórdia para com os necessitados (Dn 4.27).

O público de Jesus na sinagoga estava também familiarizado com uma passagem anterior na Lei, à qual o próprio Isaías pode ter feito alusão. A *“liberdade aos cativos”* e o *“ano do Senhor”* de Isaías 61.1,2 deveria ecoar como ensino bíblico sobre o Ano do Jubileu (Lv 25). Porque a economia de Israel antigamente era agrária, baseada na propriedade da terra, somente aqueles que detinham terra pode-

riam ter a esperança de gerar seu próprio sustento. Quando algumas pessoas no mundo antigo provavam-se incapazes de sustentar a si mesmas ou eram vendidas como escravas para liquidar suas dívidas ou a porção de terra do qual dependiam era vendida. Enquanto em Israel predominava o mesmo sistema, Deus lhe reservava um plano especial. Uma vez em cada geração, todas as dívidas eram baixadas. Significava que cada geração poderia recomeçar e todo mundo partiria da mesma base para gerar seu sustento. A pobreza não se tornava um ciclo entre as gerações que mantivesse uma classe inteira de pessoas reféns permanentes de uma subclasse. Não vivemos de fato em uma sociedade agrária; para muitas pessoas hoje a educação, o conhecimento de informática e outras fontes são mais relevantes para se ganhar a vida do que a terra. Porém, os princípios básicos de buscar justiça para o nosso próximo permanecem os mesmos.

Jesus mencionou este texto porque descrevia acuradamente a Sua missão. Isaías falou sobre o ungido pelo Espírito para Sua missão e Jesus havia acabado de experimentar esta unção. O Espírito desceu sobre Jesus em Seu batismo (Lc 3.21,22), conduziu-O ao deserto (4.1), onde foi provado, e O fez retornar (4.14). Jesus também ministraria aos grupos apresentados por Isaías: os pobres, os cativos (Lc 13.15,16), o cego (7.21,22; 18.35-43) e o oprimido (incluindo outros grupos marginalizados). Destes grupos, o Evangelho Segundo Lucas enfoca especialmente os pobres. A ênfase de Jesus no cuidado para com o necessitado em Seu exemplo e ensino explica porque os primeiros cristãos depois do Pentecostes sabiam como levar adiante sua missão.

### ENSINOS SOBRE PARTILHAR RECURSOS NO EVANGELHO SEGUNDO LUCAS

João Batista, que preparou o caminho para Jesus, pregou o arrependimento como o caminho para preparar para a vinda do Reino (Lc 3.3-8), exatamente como Pedro pregaria no dia do Pentecostes (At 2.38). O que envolvia este arrependimento, em termos práticos? Quando as multidões fizeram a João esta mesma pergun-

ta, ele respondeu que a pessoa que tivesse duas túnicas deveria dar uma a quem não tivesse nenhuma (Lc 3.10,11). Alguns camponeses que ouviam João poderiam ter uma túnica somente, mas muitos poderiam ter duas. Podemos imaginá-los sentindo-se desconfortáveis com este pedido de sacrifício.

Leitores modernos costumam interpretar a passagem como hipérbole (isto é, uma afirmação retórica exagerada para reforçar um ponto). É, na verdade, possível ler esta passagem como hipérbole, mas somente se mantivermos em mente que o propósito da hipérbole seja o de comunicar graficamente um ponto básico, não permitir que simplesmente releguemos o ponto, dizendo: "Esta passagem é apenas uma hipérbole!". O ponto de pregação de João é o que precisamos para cuidar de outras pessoas mais do que cuidamos de nós mesmos; e, se tivermos mais que o necessário, devemos estar prontos para compartilhar com aqueles que têm menos do que precisamos.

Em uma cultura onde as pessoas avançavam convidando amigos ou outras pessoas honoráveis para banquetes, Jesus

mente entre 70 e 90 % dos galileus eram camponeses empobrecidos. Pescadores não eram homens tecnicamente ricos, mas estavam em melhor situação que muitos outros galileus). Era para focarem no serviço e não no *status* ou na remuneração.

Embora mostrasse grande compaixão pelos necessitados e recebesse de bom grado os pecadores confessos, Jesus era muito mais severo com as pessoas que se davam por satisfeitas em termos sociais ou religiosos. Quando estou mais satisfeito, fico com frequência mais complacente e preciso de palavras mais firmes para dimensionar a minha atenção. Eu desconfio que muitas outras pessoas, lá atrás e ainda hoje, ficam semelhantemente mais expostas a riscos quando a vida torna-se confortável. Felizmente, Jesus não poupou palavras que mexessem com a complacência de seus ouvintes. Ele falou sobre um tolo rico que acumulava bens em lugar de cuidar da necessidade do próximo; ao invés de ajuntar tesouro para si mesmo no céu, ele deixou para trás sua riqueza quando foi para o inferno (Lc 12.16-21). Jesus não nos diz exatamente porque um outro homem rico foi para o

somente. Mas conhecemos muitos cren-tes nominais, pessoas que se denominam cristãs ainda que nunca o demonstrem pelo seu modo de viver. Para todos os escritores do Novo Testamento, a genuína fé salvadora, como a genuína compaixão cristã, deve ser expressa de maneiras concretas. Tiago alerta que a fé não acompanhada por ação concreta não é a genuína fé salvadora (Tg 2.14). Ele ilustra esta verdade ao perguntar: "Se um irmão ou uma irmã não tiver roupa para vestir nem comida para comer e um de vocês disser: 'Que você fique bem, que você seja aquecido com roupas e que seja satisfeito com comida', mas não fornece nenhuma assistência prática, que ajuda concreta deu? Assim também a fé sem obras para a demonstrar é morta". (Tg 2.15-17, paráfrase minha).

A pregação de Jesus tampouco significa que Ele fosse contrário ao rico. Não se trata de o quanto de dinheiro se pudesse ter, mas do que fazer com o que se tinha. Jesus despendia tempo considerável ministrando a coletores de impostos. Embora social e moralmente marginalizados, esses coletores não eram em geral marginalizados economicamente.

Eles sempre tomavam uma porção farta do que Roma ou Herodes Antipas exigia dos pobres e eram, às vezes, brutais na arrecadação de fundos. Algumas vezes ficaram conhecidos por bater em velhas senhoras para descobrir onde estavam seus filhos, responsáveis pelo pagamento de impostos, que haviam fugido. Sua má reputação crescia de tal forma que algumas vilas no Egito, deixando de pagar os próprios impostos, abandonavam suas casas e começavam novas vilas em quaisquer outros lugares ao ouvirem que os coletores de impostos estavam chegando. Os coletores de impostos estavam entre as pessoas ricas que oprimiam os camponeses galileus a quem Jesus também ministrava, porém Jesus estendeu o braço para os coletores também.

Jesus disse que uma pessoa rica passar para o Reino era como um camelo passar pelo buraco de uma agulha. (Apesar de os melhores esforços de alguns escritores modernos para contornar isto, o buraco de uma agulha significava a mesma coisa que significa hoje: o proposto portão de Jerusalém "buraco da agulha" não estava construído até a Idade Média).

## *Os conselhos de Jesus para cuidarmos dos pobres não implicam que sejamos justificados por obras; a Bíblia é clara ao dizer que somos justificados pela fé somente*

ênfaticamente convidar os pobres e renegar os que não poderiam reembolsar seus anfitriões (Lc 14.13-21). Como recursos compartilhados com os necessitados que ajuntaram tesouro no céu (12.33-34), os convites para esta ceia procuravam uma recompensa mais elevada que aquela disponível nesta terra. Convide aqueles que não podem recompensar você, disse Jesus, e Deus lhe recompensará no julgamento (14.14). Quando enviou seguidores para Sua primeira missão evangelística, Jesus instruiu-os a curar os enfermos e também a viajarem com simplicidade, vivendo com a simplicidade dos pobres em meio aos quais estariam ministrando (Lc 9.3; 10.4). (Aproximada-

mente inferno (Lc 16.23), mas se fornece qualquer dica, esta se trata de que o homem deixou Lázaro literalmente morrer de fome no beiral de sua porta. Jesus dirigiu a parábola a alguns religiosos não salvos que "amavam o dinheiro" (16.14). Que alguém muito pobre morra de fome em nossa porta não necessariamente livra-nos de embarços. Nossa sociedade é tão sofisticada que permite os mortalmente pobres perto de nossas portas, porém, se conhecermos tais necessidades, permanecemos responsáveis.

Os conselhos de Jesus para cuidarmos dos pobres não implicam que sejamos justificados por obras; a Bíblia é clara ao dizer que somos justificados pela fé

Jesus provavelmente estava recorrendo a uma hipérbole, entretanto, porque alguns ricos não O haviam seguido. Zaqueu, um rico coletor de impostos, deu metade de seus bens aos pobres e ofereceu-se para restituir quatro vezes mais a quem havia ludibriado (o que possivelmente diminuiu uma porção considerável da outra metade; Lc 19.8). O rico José de Arimateia foi além do compromisso dos discípulos mais imediatos de Jesus perguntando diretamente a Pilatos sobre o corpo de Jesus. Identificar-se publicamente com alguém crucificado acusado de traição (clamando ser “Rei dos Judeus”) era arriscar a vida, mesmo que pertencesse à aristocracia.

## AS EXIGÊNCIAS DE JESUS PARA TODOS OS DISCÍPULOS

Tampouco deveríamos supor que Jesus faz exigências somente para os ricos. Normalmente nós temos nossas maneiras de ler as exigências de Jesus lá atrás sem pensar que tenham qualquer coisa a dizermos. Assim como pontuou Dietrich Bonhoeffer, quando Jesus ordenava a um legislador rico que desse todos os seus bens aos pobres (Lc 18.22), normalmente dependemos mais tempo explicando que Jesus estava dirigindo-se somente a aquele legislador do que nos perguntando que implicações o versículo poderia ter para nós. Bonhoeffer era um teólogo alemão que morreu por sua campanha contra Hitler. Ele leu a Bíblia com a mesma coragem que viveu, reclamando que muito frequentemente os teólogos ajudam a contornar os ensinamentos de Jesus ao invés de ajudarem a obedecê-los.

Contrário ao que normalmente assumimos, Jesus falou não somente àquele jovem rico, mas a todos os Seus discípulos, para que vendessem seus bens e juntassem tesouros no céu (Lc 12.33). Jesus não achava, como alguns têm alegado, que o dinheiro era mau; antes, o dinheiro simplesmente não tinha valor comparado aos investimentos eternos que podemos fazer na vida de outras pessoas (Lc 16.9-13). Ele prometeu que Deus suprirá nossas necessidades se buscarmos o Seu reino (12.22-32) e convidou a nos prepararmos para o Reino investindo parcialmente nossos recursos naquilo que real-

mente importa (12.33-40).

Charles Finney, um evangelista do século XIX que levou talvez um milhão de pessoas a Cristo, pregou sobre Lucas 14.33 em uma rica igreja de Boston. Nesta passagem, explicando o custo do Reino, Jesus alertou que ninguém pode ser Seu discípulo aquele que não renunciar às suas posses (14.33). O pastor, Lymam Beecher, encerrou o sermão de Finney assegurando à congregação que Deus jamais lhes pediria que desistissem de suas posses; eles simplesmente precisavam estar “desejosos” de fazê-lo. Finney disse que Deus pode exigir de nós o que quiser; nós não perdemos todas as nossas posses no momento da conversão, mas perdemos a propriedade sobre eles. Finney entendia que se Cristo for verdadeiramente Senhor de nossa vida, Ele é também Senhor de tudo o que temos.

Assim como pescadores e primeiros discípulos de Jesus (Lc 5.10,11), muitos de nós no ministério deixamos para trás carreiras alternativas potencialmente lucrativas para atender ao chamado de Deus; temos mostrado que valorizamos o Reino acima dos tesouros da terra. Além disso, é mais confortável até mesmo para nós olharmos a outra forma em vez de dolorosamente confrontar o sofrimento além das esferas imediatas de ministério.

Segundo algumas estatísticas, 35.000 crianças morrem diariamente de má nutrição e doenças passíveis de prevenção, mas esses números são insensíveis e abstratos demais para que nos atenhamos emocionalmente. Para colocar estas questões em uma perspectiva um pouco mais gráfica, nós ficamos com razão exasperados no assassinato de 3.000 seres humanos nas Torres Gêmeas na cidade de Nova York. Porém, 35.000 é mais que dez vezes o número de crianças morrendo todos os dias. A distância não deveria di-

minuir a compaixão; Paulo incitava a igreja em uma parte do mundo a cuidar da igreja em outras partes do mundo (Rm 15.26; 2Co 8.13,14).

As estatísticas não são tão tenebrosas em nosso próprio país, mas para centenas de milhares de pessoas sem teto, incluindo adolescentes fugitivos frequentemente forçados à prostituição, as implicações aqui não são menos perturbadoras. Por mais úteis que as estatísticas sejam, a Palavra de Deus e nosso engajamento com a genuína necessidade humana nos moverá mais que qualquer soma de estatística consegue, porque Deus colocou o Seu amor em nossos corações. As Escrituras lembram-nos que Cristo deu Sua vida por nós e perguntam como podemos nos recusar a cuidar de nossos irmãos e irmãs em Cristo necessitados (1Jo 3.16,17). Nos anos iniciais na missão em Springfield, Missouri, e nos anos mais recentes de ministério, vivendo em alojamento de projetos normalmente pobre e infestado de drogas, deparei-me com rostos que eu não poderia ignorar com a mesma facilidade que consigo alhear-me das estatísticas.

Jesus chama para sacrificarmos nossas vidas pelo Seu Reino; parte do que significa servir ao Seu Reino é encontrar a necessidade humana, porque as pessoas são o que duram para sempre, se forem pessoas que já são nossos irmãos e irmãs que Deus deseja que sejam (isto é, todo mundo; 1Tm 2.4; 2Pd 3.9). A partir de ministérios como o Teen Challenge to Calcutta’s Mission of Mercy (Desafio Jovem para a Missão de Misericórdia de Calcutá), nossas obras de compaixão também revelam Cristo em formas que chamam a atenção do mundo para o nosso Mestre. Possa o Espírito outorgar-nos poder hoje, como no primeiro Pentecostes, para revelar Seu coração ao mundo. ■



CRAIG S. KEENER, Ph.D., é professor de N. Testamento no Palmer Theological Seminary, Wynnewood, Pennsylvania, e autor de dez livros, dois dos quais receberam o prêmio Christianity Today: The IVP Bible Background Commentary: New Testament (150.000 cópias impressas) e A Commentary on the Gospel of Matthew (Eardmans).

# Chegando Lá a Partir Daqui

Iniciando o Ministério de Compaixão em sua Congregação



Por HEIDI ROLLAND UNRUH e PHILIP N. OLSON

*Você crê que Deus deseja restaurar vidas dilaceradas e reconstruir vizinhanças sofredoras através de ações que mesclam evangelismo e serviços de alívio. Você deseja que sua igreja se torne um canal para a presença curadora e transformadora de Cristo em sua comunidade. Porém, é fácil ser soterrado pelas necessidades e desencorajado pelos obstáculos para se mobilizar a igreja para o ministério. Surgem dúvidas: Que tipo de ministério devemos exercer? A igreja irá apoiar? Onde conseguir fundos e colaboradores? Como podemos começar? Quais os passos que nos levarão ao próximo nível?*

*A ação social eficaz requer visão, propósito e planejamento. A visão é a convicção de que Deus está chamando a igreja para uma direção em particular. O propósito unifica a congregação em torno de objetivos do Reino. O planejamento dispõe os passos para cumprir a visão.*

Como uma igreja alcança esses ingredientes essenciais? Nenhuma igreja irá trilhar a mesma trajetória em direção à ação social local eficaz. Cada congregação começa em um ponto diferente, tem um caráter e uma constituição única, e ministérios para um contexto comunitário particular. Como os passos 1-2-3 não são simples para o ministério da compaixão, há três estágios que muitas igrejas experimentam ao longo do caminho e cada estágio inclui cinco pontos de ação. Alguns pontos em cada fase podem ocorrer em sequência; outros podem se desenvolver simultaneamente.

Enquanto ler o que se segue, pergunte-se: onde minha igreja está neste processo? Onde se encontram nossos pontos fracos e nossos pontos fortes? Isto indicará quais devem ser os próximos passos.

## ESTÁGIO 1: CONSTRUINDO OS ALICERCES

Pense em sua igreja como um jardim (veja 1Co 3). Você deve preparar cuidadosamente o solo para as sementes. Da mesma forma, os ministros da misericórdia somente irão brotar se a igreja estiver preparada. Face a uma necessidade premente, o primeiro impulso de muitas igrejas é lançar um programa. Porém os programas, se desconectados de um propósito maior da igreja, podem perder seu centro espiritual e despencar para a secularização.

Ministérios da compaixão não alicerçados em uma congregação sadia e sustentadora têm menos probabilidade de serem eficazes e auto-sustentáveis. Assim, o primeiro estágio crítico é dar um passo atrás na tarefa de desenvolver ministérios sociais para enfocar na identidade da igreja como um corpo de crentes chamados para seguir o exemplo de Cristo em matéria de servir e de compartilhar o amor de Deus com o mundo. O ministério de uma igreja deve fluir do centro de sua fé. Fortaleça o comprometimento de sua igreja para estender a mão construindo o ministério no alicerce de uma liderança madura, amando os relacionamentos da igreja, a vitalidade espiritual e a familiaridade com as necessidades e os bens da comunidade.

### Prepare a liderança

A sementeira mais fértil para o ministério é uma equipe de líderes que partilhem paixão espiritual, compromisso comum e estrutura teológica para missão local, bem como relações de trabalho positivas. C. Gene Wilkes escreve em *Jesus on Leadership* (O Último Degrau da Liderança), “A liderança começa quando uma missão revelada por Deus captura uma pessoa”. Líderes de igreja ajudadoras tornam-se “reféns” por meio de ensinar, mentorear, exemplificar papéis e descobrir outros ministérios que sirvam de modelo. Trabalhar através de quaisquer conflitos na liderança relacionados à missão. Piedosamente recrutar e nutrir pessoas que possam liderar novos esforços.

### Conheça sua congregação

O que sua igreja faz em matéria de ministério deve ser proveniente do que você é, considerando sua identidade, história e apren-

dizados únicos. Um auto-estudo congregacional pode avaliar os programas atuais e explorar os pontos fracos e os fortes para uma nova aventura. Um estudo também mede o pulso da maturidade espiritual da sua igreja, do compromisso para estender a mão e a receptividade para mudança, o que pode ajudar a delinear as necessidades de treinamento. Organizar um grupo de trabalho para colher informações sobre a congregação em áreas pertinentes à identidade, história, associação, teologia, programação, liderança, organização, recursos, vida espiritual, relacionamentos e parcerias. Métodos de estudo incluem entrevistas, discussões em grupo e/ou um levantamento. (Uma amostra de levantamento encontra-se na seção de ferramentas transferíveis de [www.network935.org](http://www.network935.org). Veja ainda a barra lateral “Self-Study Reflection Questions” — Perguntas para reflexão de um auto-estudo).

### Prepare a congregação

Nem todo mundo na congregação pode estar pronto para abraçar a visão de estender a mão. Construa os alicerces com treinamento que explique a base teológica para o evangelismo e a compaixão social. Isto inclui sermões, aulas na Escola Bíblica Domi-

*Ministérios da compaixão não alicerçados em uma congregação sadia e sustentadora têm menos probabilidade de serem eficazes e auto-sustentáveis*

nical, treinamento e viagens a campo que exponham os membros a oportunidades entusiasmantes. Construa a vitalidade espiritual e a saúde relacional da congregação.

### Avalie o contexto da comunidade

O ministério eficaz depende de informações acuradas a respeito do contexto a ministrar. Uma avaliação sobre a comunidade proporciona focar as áreas de problema que precisam ser transformadas, bem como as maneiras como Deus já está atuando na comunidade. O primeiro passo é definir sua comunidade — se uma vizinhança específica, ou grupo étnico, ou populações com necessidades especiais. Familiarize-se com a demografia, cultura, sistemas, bens e necessidades. Recorra a caminhadas a pé ou de carro, dados censitários, pesquisa porta-a-porta, entrevistas e enfoque grupos. (Veja a barra lateral “Tools for Community Study” — Ferramentas para o Estudo da Comunidade). Interagir com outras agências e lideranças da comunidade evita a redundância de serviços, constrói pontes de entendimento e respeito e planta as sementes para parcerias.

Um obstáculo grande a superar em muitas igrejas é o entendimento predominante de que a igreja existe para servir as necessidades de seus membros.

### Alimente um comprometimento para a ação social

Um obstáculo grande a superar em muitas igrejas é o entendi-

mento predominante de que a igreja existe para servir as necessidades de seus membros. Os líderes devem guiar a transformação em direção a tornar-se uma igreja voltada para missões. Isto significa cultivar um compromisso de estender a mão para fora das paredes da igreja como uma expressão central da fé e da adoração da congregação. Proporcionar treinamento e atividades para ajudar a suplantar barreiras relacionadas à raça, classe e habilidade que possam separar a sua congregação da comunidade.

## ESTÁGIO 2: DESENCADEANDO A VISÃO

Visão é um retrato do futuro para o que a Igreja é chamada para ajudar a realizar através do Espírito. Neste estágio, a igreja discerne uma visão específica para o ministério da compaixão e se organiza para alcançá-lo. Esta visão constrói identidade na congregação para responder às necessidades e oportunidades no contexto da comunidade proveniente do desejo de partilhar o amor de Deus em palavra e em ação. Uma vez que sua igreja tenha um enfoque de ministério ungido pelo Espírito, você pode fazer um plano estratégico para colocar a ação em prática.

*Um obstáculo grande a superar em muitas igrejas é o entendimento predominante de que a igreja existe para servir as necessidades de seus membros.*

### Buscar a visão de Deus para o ministério

Faça uma lista de ideias para ministérios potenciais. (Veja a barra lateral, “What Can Your Church Do?” – O Que Sua Igreja Pode Fazer?). Há alguma área em particular que sua igreja sente-se impelida a atender – moradia inadequada, juventude em condição de risco, famílias sob cuidados do Estado, ou imigrantes? Onde estão as lacunas? Que portas parecem abertas neste momento? Restrinja seu foco para uma ou duas áreas. Desenvolva uma definição de visão que identifique objetivos específicos para que os ministérios da igreja desenvolvam ao longo dos próximos anos (Veja a barra lateral “Tips for Developing a Vision Statement” – Dicas para Desenvolver Uma Definição de Visão). Decida se esta visão demanda um novo programa, revisando um programa de igreja existente, ou tornando-se parceiro de um programa de uma outra igreja ou agência.

Ministérios da compaixão não alicerçados em uma congregação sadia e sustentadora têm menos probabilidade de serem eficazes e auto-sustentáveis.

### Partilhe a visão com a congregação

Uma vez discernida uma visão, ajude a congregação a assenhorar-

se da visão. Comunique a visão de forma consistente, clara e criativa. Maneiras de fazer isto inclui: uma definição de missão que encapsule essa visão; um logotipo que capture a essência de sua missão; eventos especiais como culto de celebração, conferências sobre missões, retiros ou concertos focados em ação social; programas educacionais na Escola Bíblica Dominical, tal como uma série de assuntos que a sua igreja planeja promover; e convidados especiais da comunidade ou de outros modelos de ministérios que possam partilhar suas histórias. Por exemplo, se sua igreja sente-se impelida a tratar sobre necessidades de moradia, planeje um trabalho de final de semana à Habitat para a Humanidade ou um giro por abrigos para sem-teto.

### Organize-se para o ministério

Desenvolva um plano detalhado (serviços ou atividades que o ministério irá empreender, recursos e parceiros que serão necessários, como será organizado e conduzido) e os passos necessários para fazê-lo acontecer (quem irá levar a cabo conforme os propósitos, quando deve ter início, que outras equipes ou sistemas da igreja serão afetados). Decida se esse ministério será administrado pela igreja diretamente ou incorporado separadamente sem fins lucrativos. Aprenda com as melhores práticas para dirigir e planejar, evitando reinventar a roda. Além disso, avalie se as estruturas atuais da igreja contribuem ou retardam o plano de ministério.

### Angarie recursos e parceiros

Seu auto-estudo deve identificar os recursos que a igreja tem a oferecer a um programa – fundos, espaços, pessoal (equipe e voluntários), e todo equipamento especial que possa precisar, assim como aquilo que pode ser usado de fontes externas. Contratar os serviços de um relator profissional e coletor de fundos pode ser um bom investimento.

Considere possibilidades tais como a de uma equipe revezada de estagiários residentes. Crie sistemas para recrutar e supervisionar voluntários. Desenvolva relacionamento com outros grupos que partilhem dos mesmos objetivos, conforme identificado na avaliação da comunidade. Quem é que já está executando um bom trabalho na comunidade e como você poderia colaborar?

### Arregimente a congregação

Recrute e aparelhe os membros da igreja para se conectarem ao plano de ação social de forma prática. Enfatize que cada membro é chamado e recebe dons para o ministério. Mescle estatísticas, histórias, Escrituras, princípios e apelos que captem o coração dos membros e os façam agir. Uma relação de dons espirituais é uma ferramenta essencial no despertamento do potencial ministerial de sua igreja.

Convide membros pessoalmente para participarem segundo critérios de seus dons, interesses, ministério e experiências de vida. Forneça descrições claras de tarefas voluntárias. Treinamentos podem ajudar voluntários a superar obstáculos de inércia, inexperiência e insegurança. Forneça treinamento e evangelismo que prepare voluntários para partilharem sua fé com segurança.

## ESTÁGIO 3: SUSTENTANDO A VISÃO

Mesmo que o programa de ministério esteja em curso, a tarefa da missão não está completa. Uma visão de ministério requer esforço para ser sustentada, a fim de que não venha a se tornar uma novidade passageira na vida da igreja. A missão de Deus sempre acena para uma igreja, nas palavras de Aslan no último livro de C.S. Lewis, *As Crônicas de Nárnia*, “*further up and further in*”. Exatamente como nosso chamado individual para sermos santos leva-nos a uma longa jornada de santificação, o chamado da Igreja para missão é um processo de transformação à medida que Deus amadurece, refina e prepara o povo para os Seus propósitos.

### Discuta medos e conflitos

Líderes visionários encontrarão resistência a mudanças. Tentar algo novo gerará ansiedade e dissensão. Ajude a igreja a avaliar os custos e os benefícios. Trabalhe para manter um equilíbrio saudável entre ação social e adoração, discipulado e comunhão pode reduzir a contenda. Responda a conflitos e preocupações de maneira construtiva, usando as tensões para ajudar a igreja a reavaliar prioridades e paradigmas. Recomendamos o livro de Jim Harrington, Mike Bonem e James H. Furr intitulado *Leading Congregational Change: A Practical Guide for the Transformational Journey*, que delinea em mais detalhes o processo de reorientar uma congregação no tocante à missão. (Veja a barra lateral “Obstacles do Ministry Development” – “Obstáculos ao Desenvolvimento do Ministério”).

### Construa responsabilidade contínua

Desenvolva critérios para avaliar esforços. O ministério é eficaz em alcançar objetivos? Os recursos estão sendo utilizados com eficiência? O relacionamento entre voluntários e os que recebem tarefas está sendo desenvolvido? As pessoas estão desenvolvendo ou renovando sua fé? Com o *feedback* da congregação, da comunidade e dos mentores, avalie se os ministérios são holísticos, eficazes e fiéis ao seu chamado. Reconheça a boa obra feita pela sua congregação em nome de Jesus (2Co 9.12). Planeje um culto anual que glorifique a Deus pelo fruto do ministério de compaixão de sua igreja.

### Desenvolva novos líderes

Evite colapso identificando e treinando novos líderes. Invista na

próxima geração trabalhando com jovens para instilar uma forma de pensar focada em missão. Cultive relacionamentos com membros da diretoria atuais e potenciais.

### Mantenha uma visão fresca

Adapte prioridades e projetos continuamente levando em consideração o contexto congregacional e comunitário em mudança, enquanto reitera o cerne de sua missão. Ajude as pessoas envolvidas a vincular seu serviço à sua fé, propiciando oportunidades para o retiro e a reflexão espiritual. Continue a submergir os ministérios em oração e busca pela unção contínua do Espírito Santo. Evite uma ruptura da visão estabelecendo requisitos que os membros das diretoria e a equipe de colaboradores abracem a missão de sua igreja.

### Continue crescendo

Procure maneiras de levar seu ministério ao próximo nível. Se sua igreja costuma oferecer sopa a pessoas carentes, talvez isso possa evoluir para uma escola de cozinha que prepare as pessoas para tarefas culinárias.

Um programa tutorial pode levar a parceria com uma escola pública local. Ministério para imigrantes pode acender uma campanha de escrever cartas que dizem respeito à política de imigração. Continue também a crescer em profundidade espiritual e relacional. Expanda oportunidades para as pessoas levadas a encontrar o amor de Deus; por exemplo, estudos bíblicos, círculos de oração e evangelismo. Esteja em conexão com outras igrejas ou agências paraeclesiais com visão compatível, que possam levar conselho, especialização e encorajamento.

## CONCLUSÃO

Comece pequeno, se for necessário, mas comece. Não coloque um ministério no ar até que a congregação abrace a visão por completo. Se você quiser acender um fogo na congregação, “ação é oxigênio”, como aconselha um pastor. Ore e vá.

No processo, sua congregação deve trazer apenas uma palavra ou toque de vida a alguém que precisa experimentar a misericórdia de Deus. Em Cristo, a toda igreja é ordenado que “*deis fruto... que permaneça*” (Jo 15.16). Deixe que esta promessa sustente sua congregação nos passos de uma jornada ao ministério da compaixão. ■



**HEIDI ROLLAND UNRUH** é ex-diretora associada da *Congregation, Communities and Leadership Development Project* at Eastern University, St. Davis, Pennsylvania, e ex-analista política especializada em bem-estar e serviços à comunidade baseados na fé junto à *Evangelicals for Social Action*. Co-autora de *Churches That Make a Difference: Reaching Your Community With Good News and Good Works* (Igrejas que fazem a diferença: alcançando a comunidade com boas-novas e boas obras) com Ronald J. Sider e Philip N. Olson (Baker Books, 2002). Heidi e seu marido Jim, pastoreiam a *Faith Mennonite Church*, em Hutchinson, Kansas, EUA.



**PHILIP N. OLSON** é ex-vice-presidente para relações eclesiais da *Evangelicals for Social Action* e diretor da *Network 9:35*, um ministério de recursos e relacionamento para igrejas e organizações baseadas na fé. Reside em Wynnemewood, Pennsylvania, EUA.

# Deixem Meus Pastores Irem

Construindo e Equipando Igrejas para o Ministério de Compaixão



Por BRAD SMITH

.....  
*Um amigo pastor acabara de concluir uma campanha enorme, que levou vários anos, em prol de uma construção, que foi a linha mestra de seu longo período em uma igreja. Ele estava mais velho, mais sábio e bem respeitado. Muitos de nós perguntávamos: “Agora que a construção está completa, vocês estão mesmo desfrutando de sua igreja?”*  
.....



Ele respondeu: “Não. Parece que quanto maior ficamos, quanto melhor nossos programas se tornam, menos eu desfruto. Às vezes fico a pensar que tipo de monstro eu criei. As pessoas entram no prédio no domingo de manhã sempre querendo um show melhor: ‘Faça-me rir’; ‘Faça-me chorar’; ‘Dê-me um pouco de ensino bíblico para que eu sinta que estou crescendo’. Eu costumava ter uma congregação. Agora eu tenho consumidores — e eles querem consumir somente as melhores mercadorias e serviços religiosos. Minha equipe de colaboradores disputa horário para anunciar seus programas. Eu sinto como se eles me enrolassem e me despachassem com anúncios de publicidade. Temos o equivalente a um pequeno exército em pequenos grupos, sempre envoltos em tumultos e nunca se dispersam. Nós demos a eles currículo para grupos pequenos de treze semanas, totalmente colorido, sobre como servir a comunidade. Eles gostaram tanto que mal podiam esperar para estarem em seus grupos e darem início ao próximo estudo. Contratamos equipe de colaboradores para aparelhar as pessoas a fazerem mais de seu ministério e isto só eleva suas expectativas do que essa equipe fará por elas”.

Ele continuou: “Adquiri livros sobre igreja dirigida com propósito, igreja em células, dez chaves para uma igreja sadia e os cinco pilares para uma igreja evangelista. O que eu preciso é o antídoto para a igreja consumidora. Perdemos a alma do que vem a ser uma grande igreja”.

A igreja deste pastor tinha visão e liderança, mas uma poluição escondida estava destruindo a saúde dela. O pastor pregava sobre serviço, sacrifício e renúncia todo domingo, às vezes, em lágrimas. Porém sua uma hora de influência na semana no serviço não era suficiente para mudar o curso das outras 167 horas em que seu povo era bombardeado por mensagens consumistas na cultura. Na verdade, toda igreja construída em torno de um ministério centrado no tempo e geograficamente focado nas atividades do domingo de manhã no prédio da igreja enfrenta as mesmas traumáticas disparidades.

Muitas pessoas veem os ministérios da compaixão como uma importante opção que sua igreja pode usar para tornar-se melhor conhecida na cidade; para obedecer aos mandamentos de Cristo de alimentar os pobres, vestir o desnudo, visitar os presos; e ver transformação significativa nas dimensões física, emocional e espiritual na vida das pessoas nas circunstâncias desfavorecidas. Além disso, para a maioria das igrejas, à medida que os ministérios de compaixão são vistos como benfeitores daqueles entornos, será sempre o lugar onde aquelas poucas pessoas de olhos arregalados na igreja encontram felicidade, mas algo do que a igreja pode sempre desconectar.

Além disso, quando o pastor e a liderança da igreja percebem que os ministérios de compaixão podem ser sua arma secreta para transformar a guerra do discipulado em 24/7 vidas das pessoas na igreja e batalhar do lado de fora da igreja, as atitudes consumistas que as pessoas estão trazendo para a igreja e sua abordagem para os ministérios de compaixão é repentinamente diferente. Antes, era um programa “add-on”. Agora, abastece uma transição ampla da igreja para uma cultura aparelhadora e para sistemas aparelhadores. Estes sistemas não são usados somente para fechar a porta dos fundos para novos visitantes entrando e saindo; não somente para encher as classes de crianças de professores; mas para fazer discípulos.

Uma guerra em escala plena sobre consumismo através dos ministérios de compaixão deve envolver mais do que sermões sobre dons espirituais e feiras ministeriais. Ao longo da última década, tem havido um aumento significativo no número de sermões sobre o tópico descobrir os dons espirituais e usá-los para servir. Além disso, muitas igrejas descobrem que, na melhor das hipóteses, apenas 10% dos ouvintes do sermão de fato o aplicaram, envolvendo-se mais em serviço voluntário.

A primeira reação foi de os pastores culparem a si mesmos. De alguma forma o sermão não foi bom o bastante para mexer com os outros 90%. Mais sermões foram com base em Efésios 4, Romanos 12 ou 1 Coríntios 12 foram adicionados. Recentemente, igrejas têm usado feiras ministeriais elaboradas para responder ao convite feito em púlpito para servir. Essas feiras normalmente apresentam uma taxa de 50% de adesão no dia do sermão, mas os resultados no longo prazo mostram que somente 10% sustentaram qualquer diferença em seu estilo de vida. Os eventos aos domingos pela manhã não podem ser o guia único para criar uma igreja sete-dias-por-semana e fora-e-dentro-da-comunidade.

O movimento de igrejas em direção a uma ênfase maior em ministérios de aparelhamento e compaixão tem por vezes sido chamado de outorga de poder leigo — livrando pessoas leigas se sentirem inadequadas ou despreparadas. Na realidade, trata-se muito mais de outorga de poder clerical — livrando o clero de suas próprias expectativas irrealistas a as expectativas impossíveis que a igreja tem para eles.

Depois de estudar centenas de igrejas aparelhadoras eficazes, 3 princípios emergiram em cada uma que estava aparelhando e dispondo pessoas nos ministérios do tipo compaixão.

## APOIO VISÍVEL DA LIDERANÇA DA IGREJA PARA INCORAJAR AS PESSOAS A SERVIREM

O sermão lembra às pessoas que a maturidade não acontece sem obras. Estas incluem séries de sermão sobre chamado, dons e serviço. Torna-se óbvio para todo mundo que assiste aos sermões, mesmo esporadicamente, que a maturidade espiritual e o discipulado eficaz requerem não somente assistir aos domingos, mas também fazer obras ao longo de toda a semana.

Há também um esforço intencional para construir uma cultura interna onde a expectativa normal dos membros da igreja seja o serviço. A liderança da igreja avalia o que estão fazendo que pudesse enviar uma mensagem mista permitindo apatia; então, eles sobrevivem pelo exemplo pessoal do que o serviço na comunidade aparenta ser. Eles apontam pessoas que estão servindo como modelos do que seja um cristão maduro através de ilustrações em sermões, histórias em boletins da igreja e exemplos nas classes de novos membros.

Uma igreja em Little Rock enviou um cartão de Natal contendo a equipe de colaboradores da igreja trajando roupas esportivas, agitando *banners* com os dizeres: “Estamos torcendo para que você faça a obra do ministério”. Uma igreja em Los Angeles vem comissionando serviços não apenas para os missionários mundiais, mas também para professores, policiais, fazendeiros e donas-de-casa enquanto expõem instrumentos simbólicos de seus trabalhos na frente da igreja e são enviados

como missionários em seus locais de trabalho. Outras igrejas certificam-se de que todos os membros sejam cumprimentados, visitados e orientados não pelo pastor, mas por líderes não ordenados. Quando estas pessoas que cumprimentam os membros novos são leais ao pastor e articulam a visão e a missão da igreja, eles enviam um sinal claro e audível para os membros que estão se achegando que esta é uma igreja onde o pastor delega e não controla autoridade.

## UM SISTEMA SEM COSTURA QUE MOVE AS PESSOAS AO SERVIÇO

Muitas ocupações são mais bem treinadas em sistemas do que pastores. Fazendeiros entendem que a chave de uma colheita bem sucedida não é somente plantar ou cultivar, mas que isto envolve um sistema completo de preparação do solo, seleção de sementes, administração de pestes, controle ambiental e contratos de distribuição pós-colheita, perfazendo todo um sistema chamado “*farming*”. Os fazendeiros entendem que é melhor fazer uma tarefa “C” em todos os âmbitos do que uma tarefa A<sup>+</sup> em alguns e pular outros. É o sistema sem costura que gera sucesso, não um desempenho estelar em algumas partes.

O mesmo vale para a igreja aparelhadora. O sistema possui algumas partes que são padrão e nenhuma delas pode ser pulada. Rick Warren utilizou um diamante de beisebol em seu livro *Uma Igreja com Propósitos* para ilustrar o conceito de um sistema de aparelhamento com caminhos conectados à base e marcos em cada base. Sob esta simples estrutura de comunicação encontram-se os componentes que a fazem funcionar:

**Assimilação.** Este processo ajuda os visitantes a aprenderem a respeito da igreja e a decidirem se afiliar. Isto pode ser tão simples quanto um esforço para reconhecer e cumprimentar novos rostos — todo o caminho de meta de *marketing* baseado na *web*, locais especiais de estacionamento, recepções aos domingos de manhã, equipes de visitação, vídeos de apresentação e assimiladores designados.

**Fundamentos bíblicos.** Aos novos membros ensinam-se conceitos de dons, chamado e serviço. Logo as pessoas começam a perceber que o conceito de voluntário — “posso escolher servir” — é um conceito alheio às Escrituras. Nós somos feitos para servir. Outros conceitos fundamentais de Romanos 12.3-8, Efésios 4.11-16; 1 Coríntios 12; Tiago 1.22-27 são ensinados juntamente com as doutrinas de discipulado e crescimento e com os princípios e programas da igreja.

**Descoberta.** As pessoas aprendem sobre seus dons espirituais e chamado. Uma vez que isto pode ser repetido em diferentes níveis ao longo dos anos, esta aula inicial sobre dons pode focar principalmente em áreas de paixão em serviço. A chave não é que ferramenta de avaliação é usada, mas o pequeno grupo ou contexto relacional em que a descoberta ocorre. Os dons são ensinados não sob a forma de pensar “É tudo para minha satisfação e eu não deixo brechas”; mas “É para a igreja de Deus e como Deus tem me concedido habilidades designadas para servir ao próximo”.

**Combinação e posicionamento.** Este processo conecta os dons individuais e o chamado e o local onde estão explorando a possibilidade de servir. Esta é a parte mais árdua do sistema para se construir. Em igrejas menores, o *handoff* entre o dirigen-

te da descoberta do dom e o líder do ministério selecionado é um telefonema rápido ou um aperto de mão no estacionamento. Em igrejas maiores, o nome e a escolha vão para um banco de dados. Cada área de ministério tem uma pessoa designada, chamada de conector ministerial (raramente o diretor daquele ministério), responsável por chamar toda pessoa nova que tenha expressado interesse em seu ministério. O conector ministerial é responsável também pelo treinamento contínuo e pelo *follow-up* de pessoas naquela área ministerial e normalmente promove reuniões trimestrais com os demais conectores.

**Treino e reconhecimento.** As pessoas são discipuladas melhor à medida que servem e não quando estão sentadas em uma sala de aula. Além disso, o tempo deve ser usado para treino e reflexão. Deus também criou uma necessidade por apreciação nas pessoas. E opera maravilhas para ter maneiras regulares para que os líderes a expressem.

As igrejas organizadas em torno de grupos pequenos descobriram este passo como um antídoto fundamental para o foco de necessidades pessoais e internas que frequentemente destrói a saúde dos grupos pequenos. Quando a reflexão e a preparação para o ministério de compaixão torna-se o propósito central do grupo pequeno, transforma-se em um centro de discipulado contínuo e potencial que impele ao estudo bíblico e a comunhão em serviço transformador de vida e sacrificial. Contudo, os grupos pequenos não olham normalmente para além de suas próprias necessidades sem o treinamento intencional de liderança e responsabilidade que um sistema de aparelhamento fornece.

**Disposição e transformação.** Uma vez que as pessoas parecem querer ser adaptadas e posicionadas pela primeira vez dentro da igreja, é preciso que uma parte intencional do processo seja conectá-las a oportunidades fora da igreja. Isto envolve uma equipe constantemente construindo relacionamento com agências na comunidade e criando locais para as pessoas servirem na comunidade e local de trabalho.

Este sexto passo é a articulação que faz o sistema aparelhador tornar-se ainda em outra maneira para a igreja fornecer mais mercadorias e serviços religiosos para consumidores religiosos. Quatro a cinco anos depois de construir um sistema aparelhador amplo para igreja, há normalmente pontos de conexão múltiplos entre a igreja e a comunidade. À medida que cada membro, novo e já existente, for entrevistado com regularidade, a igreja encontrará muitos que estão sendo chamados para os ministérios de compaixão fora da igreja. Se o sistema de aparelhamento estiver funcionando bem, ao final da entrevista o membro não recebe um número de telefone ou um endereço, mas o nome de um membro de igreja que já se encontra servindo em um ministério de compaixão que irá lhe telefonar e conduzi-lo à primeira reunião. Quando chegarem, irão encontrar um ministério de compaixão que é usuário fraternal por voluntários que entram já conhecendo seus dons e chamado. O treino e o posicionamento são intencionais. A reflexão sobre discipulado é a norma. Expectativas e papéis são claros.

Entretanto, se esse cenário estiver há 4 ou 5 anos no processo, como você começa o processo de disposição, especialmente se você estiver em uma igreja pequena? Se você tiver 15 pessoas servindo em 15 ministérios de compaixão diferentes, você irá perder muito das oportunidades de discipulado para

elas refletirem sobre seus serviços juntas, e o impacto de seu trabalho fica tão disperso que farão muito pouco no sentido de mexer com outros na congregação para seguir. A melhor forma de começar é normalmente escolher um ministério que tenha como alvo uma igreja patrocinada — reconhecendo que você está pedindo a muitas pessoas para sacrificarem seus dons individuais e chamado por um período para apoiarem o chamado focado na igreja sobre um número limitado de ministérios de compaixão.

Escolhendo um ministério focado em meta nos estágios iniciais do envolvimento da igreja no ministério de compaixão é normalmente melhor executado por uma força tarefa que atente para oito questões:

(1) É algo que os iniciantes no ministério de compaixão possam assimilar rapidamente? Tutorar crianças pequenas é ministério de entrada fácil. O treinamento para adultos em uma prisão de segurança máxima não é.

(2) É algo que pode envolver um número grande de pessoas sem habilidades específicas? Uma casa de móveis e utensílios usados requer diversos dons. Uma clínica médica requer menos dons altamente especializados.

(3) O local faz sentido para sua igreja? Em muitas cidades, áreas economicamente desfavorecidas possuem grandes complexos de apartamentos envelhecidos. Nos estágios iniciais, um local mais próximo para o ministério de compaixão almejado significará participação maior pelos membros de sua igreja.

(4) Trata-se de um lugar onde Deus já levantou líderes em sua igreja com paixão transcultural, relacionamentos e experiência? A fase de construir confiança de trabalhar transculturalmente em geral leva no mínimo cinco anos para chegar ao ponto que projetos conjuntos possam ser concebidos. Muitos beneficiários do ministério de compaixão já assistiram a uma parada de pessoas bem intencionadas que oferecem assistência sem reconhecer a valia, dons e potencial do receptor. A confiança é construída quando as pessoas não somente injetam recursos, mas também ajudam as pessoas a usarem seus dons, visão e recursos dos quais já dispõem. Procurar onde Deus o precedeu com relacionamentos de confiança transculturais envolvendo pessoas em sua igreja que talvez você não esteja ciente. Despenda tempo aprendendo as lições tanto do ministério de compaixão e outorga de poder a partir de seu exemplo. Não subestime a direção que Deus concede por meio de um ou dois indivíduos fiéis e apaixonados a quem Deus tem dado um revestimento claro para o ministério de compaixão.

(5) É a necessidade que estamos direcionando algo onde podemos fazer uma diferença perceptível? Aparelhar as estatísticas criminais da cidade inteira é amplo demais mesmo para uma igreja grande. Objetivar os níveis de leitura dos terceiro-anistas de um distrito de escolas de ensino elementar tem resultados facilmente mensuráveis.

(6) A necessidade que estamos direcionando é uma necessidade crítica e talvez não objetivada anteriormente em sua comunidade? Pesquise necessidades não identificadas e esforços já em curso aos quais você possa se associar.

(7) Podemos contar as histórias deste ministério de compaixão de maneiras que continuarão a impactar a cultura interna de nossa igreja? Nos estágios iniciais do ministério de compaixão para uma igreja, é importante que a igreja como um

todo se identifique facilmente com as necessidades e as pessoas sendo servidas. Ministar a viciados ou a pessoas nas indústrias de sexo precisa estar fora dos holofotes para ser eficaz. Ministar a crianças ou idosos é mais fácil para pessoas que emocionalmente se identificam com eles.

(8) O ministério de compaixão que estamos escolhendo focar é algo que será proveitoso para parceiros com outras igrejas? Parceiros com igrejas similares poupam tempo e recursos. Parcerias com igrejas em circunvizinhanças economicamente desfavorecidas devem ser construídas onde elas depositem algo absolutamente essencial para que o ministério opere.

Estas seis partes do sistema de aparelhamento da igreja (assimilação, fundamentos, descoberta, posicionamento, treino e disposição de pessoal) são apoiados pela administração e pelas equipes de desenvolvimento de liderança. Em igrejas grandes, deve haver uma equipe para cada parte, coordenada por uma equipe de supervisão. Em igrejas menores, pode ser uma pessoa não remunerada que é sempre um terceiro no sistema e, criando conversações intencionais, move as pessoas em direção ao próximo passo de seu crescimento.

## UMA PESSOA CHAVE QUE SEJA RESPONSÁVEL POR CONSTRUIR O SISTEMA E DEFENDER OS VALORES DE APARELHAMENTO

A melhor pessoa para um sistema de aparelhamento possui dons facilitadores de liderança. Quando há um trabalho para fazer, seu primeiro instinto não é o de fazê-lo, mas o de recrutar uma equipe com o dom correto que mescle papéis e objetivos claros. Essa pessoa está constantemente construindo equipes e liberando-as com expectativas claras e o apoio necessário para que sejam bem sucedidas. Mesmo em uma igreja com 50 membros, uma única pessoa que tem a autoridade, responsabilidade, dons para falar às pessoas sobre os seus dons, chamado e local intencionado para servir irá criar uma esfera de envolvimento. Torna-se um ministro “casamenteiro”, casando os dons das pessoas às necessidades, e conectando as palavras do sermão ao estilo de vida dos sermões.

Quando estes três princípios aparelhadores comuns encontram-se no lugar, o trabalho dos ministérios de compaixão torna-se o centro não apenas na comunicação de púlpito, mas no estilo de vida das pessoas. Os ministérios de compaixão estão onde a igreja faz diferença na comunidade e na vida da congregação, uma vez que estão posicionados do lado de fora de suas zonas de conforto. Além disso, enquanto isto começa e tem o apoio dos eventos dos domingos de manhã, estes por si somente não podem sustentá-los. É necessário uma forma de pensar aparelhadora, sistema e líderes para abastecerem o trilhado e a disposição de discípulos que façam a diferença dentro e fora das paredes da igreja. ■



Brad Smith, formado pelo Dallas Theological Seminary, foi presidente do Leadership Network em Dallas, Texas, EUA, e tem experiência como pastor e plantador de igreja.



# O Ciclo do Evangelismo e Discipulado: UM PROCESSO SEM FIM

POR RANDY HURST

Quando Jesus delegou a Grande Comissão para Seus discípulos, não era uma ideia nova para eles. Através de Seu ensino e exemplo, Jesus já vinha preparando Seus discípulos para a tarefa.

A missão dos discípulos antes não era a de meramente agrupar outro movimento social religioso. Deveriam participar da atividade divina de Deus no mundo, redimindo a humanidade perdida para Ele. Da mesma forma que os discípulos tinham visto a multiplicação dos pães e dos peixes, deveriam agora participar perpetuando e multiplicando a mensagem para a qual Jesus os havia comissionado.

Cada um dos quatro Evangelhos conclui com uma ênfase sobre a missão para a qual Jesus comissionou Seus discípulos no final de Seu ministério terreno. As passagens sobre a Grande Comissão nos três Evangelhos Sinóticos, bem como em João, claramente apresentam uma missão abrangente que inclui evangelismo e discipulado.

Uma definição acurada e abrangente de evangelismo foi dada por William Temple, o 98º Arcebispo da Cantuária (1942-44): “Evangelismo é tão somente apresentar Jesus Cristo no poder do Espírito Santo de que os homens podem confiar nEle como Salvador e servi-LO como Senhor na fraternidade de Sua igreja”.

Tratar o evangelismo e o discipulado separadamente é fazer uma distin-

ção artificial. Da mesma forma que uma linha não pode ser desenhada entre as cores de um arco-íris, o evangelismo não pode ser separado do discipulado nas Escrituras. O evangelismo e o discipulado não são duas partes de uma progressão que começa com evangelismo e culmina no discipulado. Pelo contrário, ambos compõem um ciclo. O evangelismo não deve ser empreendido com o objetivo de discipulado e o discipulado não deve preparar os crentes para o evangelismo.

## Evangelismo Pré-Discipulado

Na Parábola do Semeador, Jesus ensinou que a semente — a Palavra de Deus, ou a mensagem — cairia em diferentes tipos de solo. Algumas pessoas que ouvirem a mensagem não irão responder e algumas que responderem não irão permanecer.

Alguns abordam a Parábola do Semeador a partir de uma perspectiva negativa porque três dos quatro tipos de solo falharam em produzir vida duradoura. Porém, a parábola vai além desses empecilhos ao triunfo da Palavra de Deus em produzir o Reino de Deus. Muito embora boa parte da parábola seja dedicada a enumerar os três tipos improdutivos de solo, apenas uma pequena parte da semente lançaria sobre aqueles lugares num campo real. A parábola não implica necessariamente que a maior parte do trabalho do semeador esteja perdida.

Muitas exposições tratam a Parábola do Semeador como tendo quatro ti-

pos de solo: rochoso, arenoso, espinhoso e o de boa qualidade. A parábola pode, no entanto, ser vista como apresentando dois tipos de solo: o produtivo e o não produtivo. Três exemplos são dados para cada tipo de solo. Toda pessoa enfrenta um de apenas dois destinos. O resultado do evangelismo diz respeito ao solo bom — aquelas pessoas cuja vida não apenas começa, mas cresce e multiplica.

Algumas pessoas abordam o evangelismo com o objetivo único de ver um não-crente orar a oração do pecador. Mas o objetivo do evangelismo é mais que a decisão pela salvação. O objetivo do evangelismo é uma mudança de estilo de vida — uma pessoa seguindo a Cristo em obediência aos Seus ensinamentos e comandos. O objetivo final é um discípulo — um seguidor de Cristo comprometido e fiel.

Infelizmente, se uma pessoa chegar à decisão pela salvação sem compreender o custo de seguir a Cristo, ela pode até começar bem, mas não logra êxito em continuar O seguindo e servindo. Esta situação é ilustrada pelos três primeiros tipos de solo mencionados na Parábola do Semeador. As pessoas recebem a mensagem, mas os pássaros levam a semente embora, o sol a queima ou os espinhos a sufocam. Jesus explicou que os pássaros, o sol e os espinhos representavam empecilhos na vida espiritual das pessoas. Isto inclui perseguição ou desejo para os ricos. Estes evitam que a mensagem tenha um efeito de longo prazo.

Da mesma forma que apaixonadamente queremos ver as pessoas tomando uma decisão por Cristo, é possível empurrá-las para decisões prematuras ao invés de cooperarmos com o Espírito Santo para que Ele as conduza primeiro, a uma decisão e, então, ao discipulado.

Entender que o discipulado precisa ser o objetivo do evangelismo irá afetar como nós partilhamos a mensagem. Jesus ensinou que Seus seguidores devem entender o custo de ser Seus discípulos: *“E qualquer que não tomar a sua cruz e vier após mim não pode ser meu discípulo. Pois qual de vós, pretendendo construir uma torre, não se assenta primeiro para calcular a despesa e verificar se tem os meios para a concluir?”* (Lc 14.27-28).

Uma pessoa não crente deve entender a significância da decisão de receber o perdão de Cristo e segui-LO. Os crentes devem ser cautelosos para não manipular emocionalmente as pessoas para decisões que não compreendem ou não estão prontas para tomar. Ao orar com uma pessoa para que receba Cristo, devemos assegurar que ela entende o que está fazendo. Isto requer sabedoria e mesmo comedimento.

Nós não somos responsáveis por convencer as pessoas a comprometerem suas vidas com Cristo. O evangelismo não é somente uma persuasão meramente humana; é um trabalho do Espírito Santo. Jesus prometeu que o Espírito Santo convenceria o mundo do *“pecado, da justiça e do juízo”* (Jo 16.8). Somos responsáveis por compartilhar a mensagem com clareza. Mas é o Espírito Santo quem convence e persuade o coração do ouvinte. Ao entendermos que Deus toma a iniciativa e permanece ativo no processo de evangelismo, somos capacitados a sermos corajosos e dependentes do Seu trabalho persuasivo. Conseguimos também ser pacientes e a confiar em Seu tempo, ao invés de tentarmos empurrar as pessoas para uma decisão prematura. Isto permite que não sejamos nem hesitantes e nem precipitados em nosso testemunho.

### Discipulado Pre-Evangelismo

O ciclo de evangelismo e discipulado está completo quando os discípulos tornam-se mensageiros que evangelizam e fazem mais discípulos.

A Igreja na América e em outros lu-

gares no Ocidente podem aprender com a Igreja em outras partes do mundo nesse sentido. Nos últimos cinquenta anos, o crescimento em número de membros nas igrejas Assembleias de Deus em muitos países ultrapassou o do Ocidente. Isto é especialmente verdadeiro na América Latina, na África e partes da Ásia. Uma razão para este crescimento explosivo e exponencial é que em muitos países do Terceiro Mundo os crentes são ensinados e espera-se que evangelizem. Países em não dispõem de um número significativo de equipes de colaboradores remunerados, as congregações são muitos mais ativas em matéria de evangelismo.

Ser uma testemunha eficaz não necessariamente depende de quanto tempo a pessoa segue a Cristo ou quão madura esteja. Pesquisas extensas em milhares de igrejas mostram que muito do evangelismo pessoal em qualquer congregação é feito por aqueles que se tornaram cristãos há menos de um ano.

O evangelismo pessoal é uma parte essencial no seguir a Cristo. Precisa ser parte do estilo de vida de cada crente causar impacto sobre os não crentes a seu redor.

### O Objetivo

O objetivo do evangelismo e do discipulado é claramente descrito na carta de Paulo aos colossenses: *“agora, porém, vos reconciliou no corpo da sua carne, mediante a sua morte, para apresentar-vos perante ele santos, inculpáveis e irrepreensíveis, se é que permanecéis na fé, alicerçados e firmes, não vos deixando afastar da esperança do evangelho”* (Cl 1.22-23). Paulo prossegue, descrevendo o objetivo de se proclamar o Evangelho: *“o qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo”* (Cl 1.28, ênfase nossa). Observe que o objetivo é para que cada discípulo seja apresentado diante do Senhor santo, inculpável e sem mácula — completo em

Cristo — no fim da vida na terra.

À medida que conduzirem as igrejas locais ao evangelismo, os pastores muito frequentemente precisarão tomar decisões no que diz respeito ao quanto de tempo e de recursos serão investidos. Nós, assim como Paulo, precisamos nos comprometer em evangelizar *“por todos os modos”* (1Co 9.22, ênfase nossa). Porém, devemos priorizar aqueles meios que resultem no objetivo final estabelecido pela Palavra de Deus — discípulos que são *“perfeito em Cristo”* (Cl 1.28). Às vezes, isto significará optar por métodos que não produzam muitas decisões iniciais, mas que resultem em mais discípulos.

O enfoque de Jesus está nas consequências eternas do pecado e do destino eterno de cada pessoa. O Evangelho chama cada ouvinte para decidir e

*Da mesma forma que os discípulos tinham visto a multiplicação dos pães e dos peixes, deveriam agora participar perpetuando e multiplicando a mensagem para a qual Jesus os havia comissionado*

responder à proclamação da Palavra de Deus. O foco do Evangelho está na salvação dos indivíduos que irão compor a noiva de Cristo. A missão da igreja é participar da missão de Cristo de conduzir *“muitos filhos à Glória”* (Hb 2.10).

O ciclo de evangelismo e discipulado é processo sem fim de alcançar e reter as pessoas que se tornam cidadãos do reino eterno de Cristo. ■



**RANDY HURST** é diretor de comunicações da *Assemblies of God World Missions (Missões Mundiais das Assembleias de Deus)*, em Springfield, Missouri, EUA, e delegado da *Commission on Evangelism (Comissão para Evangelismo)*.

# O Evangelismo de Compaixão



*A bondade da unção  
do Espírito é uma  
ferramenta  
incrivelmente  
poderosa para  
conscientizar as  
pessoas sobre o  
poder da salvação.*

**POR JOHN LINDELL**

**Alguém deixou em meu escritório — um spray**

Com um toque bem humorado, a embalagem dizia: “Cria em Deus instantaneamente — *spray* bucal sabor hortelã, milagroso intensificador de fé”. Você não gostaria que alcançar as pessoas com o Evangelho fosse tão fácil?

Deus nos chamou para fazermos discípulos compartilhando a mensagem da transformação de vida de Jesus Cristo. Porém, em nosso mundo pós-moderno, palavras por si só não ganharão um ouvinte sequer. Mais do que nunca, o velho adágio é verdadeiro: “As pessoas não se importam com o quanto você sabe até que saibam o quanto você se importa”.

As pessoas familiarizadas com o Evangelho e os adornos de nosso louvor têm maior probabilidade de vir e ouvir nossa mensagem. Para que respondam, elas precisam uma apresentação clara e ungida da Palavra de Deus. Para esse fim, eu jamais vou deixar de pregar a Bíblia e de fazer apelos.

Porém, milhares de pessoas não estão planejando ir à igreja tão cedo. Elas não sentem necessidade do poder do

Evangelho porque não têm visto o Evangelho em ação. Nosso mundo pós-moderno é pragmático e interessado somente naquilo que funciona. Apesar disso, como premissa, o pós-moderno anseia pelo o que as pessoas de todas as idades descobriram ser irresistível — a compaixão genuína e a bondade. Podemos associar estes dois termos como tendo um coração para as pessoas: devemos traduzir essa questão em ação, ajudando a encontrar uma necessidade para suas vidas.

Um dos marcos da Igreja Primitiva — uma das razões que tiveram um impacto tal sobre a cultura pagã que repudiava cristãos — foi o fato de que estes eram compassivos e bondosos. Eles compreendiam o poder da bondade para tocar a vida das pessoas. Assim como nós, viviam em uma sociedade que desvalorizava a vida. As pessoas lançavam garotos deformados nos monturos da cidade. As pessoas descartavam as garotas indesejadas no lixo. Os cristãos resgatavam, alimentavam e supriam aqueles bebês.

A paixão da Igreja pelo pobre e necessitado era tão grande que havia campanhas de jejum. Não somente jejum e

oração pelo pobre, como também se economizava o dinheiro que seria usado para pagar aquelas refeições, para dar aos pobres e necessitados. Em uma cultura que não se importava com os pobres e com os necessitados, os cristãos caminhavam pelas ruas e os recolhiam para cuidá-los.

Historiadores da Igreja Primitiva contam-nos que quando duas epidemias devastadoras assolaram o Império Romano (165 a.C. e 251 d.C.), um terço da população morreu. As pessoas fugiam das cidades por medo de que a praga as acometessem. Durante essas epidemias, os cristãos permaneciam nas cidades e municípios para ministrar às pessoas. Muitas vezes, eles mesmos pegaram a peste. Como ministravam àqueles que estavam morrendo, isto causou um enorme impacto. Com o decorrer do tempo, uma cultura inteira estava mudada por causa da resposta compassiva e bondosa dos cristãos em torno dela.

Em um sentido real, a ordem de Paulo para que os colossenses se revestissem de compaixão e bondade (Cl 3.12) é um chamado ao pré-evangelismo em que a igreja abre o coração das pessoas para o Evangelho, encontrando necessidades em suas vidas. A bondade da unção do Espírito é uma ferramenta incrivelmente poderosa para trazer às pessoas a consciência do poder da salvação. É como Deus nos alcançou. O apóstolo Paulo lembra-nos em Romanos 2.4 que a bondade de Deus leva-nos ao arrependimento.

Às vezes, parece que tornamos o evangelismo tão dificultoso. Muitos cristãos são evangelistas ineficazes porque carregam um fardo desnecessário ao sentir a necessidade de ser articulado ou de ter resposta para toda e qualquer pergunta. Com o passar do tempo, tenho me convencido cada vez mais que uma paixão por Deus associada à bondade compassiva em direção às pessoas fará brilhar uma luz tão intensa que quem estiver na escuridão será capaz de ver seu caminho para casa. ■



**JOHN LINDELL** é pastor presidente da Igreja James River, das Assembleias de Deus, em Ozark, Missouri, EUA.

# VIDA NO LIQUIDIFICADOR:

## Ministrando às necessidades das Famílias Recasadas

*Prontas ou não, aí vêm elas – famílias recasadas e famílias de pai/mãe sozinhos. Essas famílias representam a mudança cultural mais significativa em sua igreja hoje. Elas agora são da sua alçada.*



POR DONALD R. PARTIDGE

Elas são uma preocupação constante em seu ministério. Estes sistemas impactaram todo mundo que você conhece, possivelmente até sua família.

Os problemas que essas famílias experimentam são enormes. Neste artigo, eu falo a respeito de algumas das questões mais sérias e forneço soluções. Você irá aprender sobre coisas que pode ainda não saber e eu irei apresentar as aplicações bíblicas. Mas, com este artigo, vem um desafio. Você está pronto para uma reorientação?

Você conhece as estatísticas. Metade de todos os adultos hoje estão sozinhos, sozinhos de novo ou são pai/mãe sozinhos. A outra metade é casada e metade desses casados estão em famílias recasadas. As estatísticas sobre divórcio sugerem que cerca de 43% dos primeiros casamentos e mais de 60% das famílias recasadas fracassam. Pelo fato de das famílias recasadas terem uma reviravolta muito grande, os se-

gundos, terceiros e até quarto casamentos são sempre mais frequentes. Independente dos motivos, os pais/mães sozinhos e as famílias recasadas estão ganhando vulto nas estatísticas.

Por que trabalhar com famílias recasadas e pais/mães sozinhos tornar-se-á um ministério predominante em sua igreja? Quando adentra sua comunidade, você se depara com o que está lá – e uma parte cada vez maior é de pai/mães sozinhos e famílias recasadas.

O Cabeça da Igreja disse: *“O Espírito do SENHOR está sobre mim, porque o SENHOR me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os algemados; a apreçoar o ano aceitável do SENHOR”* (Is 61.1,2 - ARA). Alguns mais exatamente adaptam-se a ser quebrantados e continuamente algemados como pai/mãe sozinhos e membros de

famílias recasadas.

Assim, vamos encontrar um casal visitante em sua igreja. Esta história é verdadeira, exceto os nomes e as localidades.

Depois de passar por um divórcio agonizante, Bárbara, que morava em Wichita, Kansas, planejou pegar suas duas filhas e mudar-se para o mais longe possível. Ela conseguiu contrato para trabalhar em Seattle, Washington, utilizando uma linha especial de crédito para financiar sua mudança. Pouco antes de estar pronta para mudar, o pai das crianças levou Bárbara aos tribunais e barrou sua ida com as crianças para fora do estado. Então, Bárbara foi sozinha. Assim que seu contrato anual venceu, ela mudou-se de volta para Wichita.

Seu relacionamento com as filhas é atualmente tenso em função de sua ausência e porque o pai falou mal de Bárbara para as crianças. As filhas vi-

vem com o pai, porém Bárbara está determinada a tomá-las de volta para morar com ela, algo a que o pai se opõe.

O litígio está se avolumando.

Agora, acrescente isto. Enquanto estava em Seattle, Bárbara encontrou e casou-se com Jacó, que se mudou com ela para Wichita. Bárbara e Jacó já estão encontrando dificuldades com relação às filhas de Bárbara. Ele quer que ela seja mais disciplinadora, algo que Bárbara se recusa a ser. Ela está tentando restabelecer a proximidade com suas filhas e teme alienar-se delas completamente.

Mas as coisas podem ficar pior.

Jacó passou por dois casamentos e tem três filhos: a primeira esposa vive em Nova York com dois filhos; a segunda, em Seattle, com um filho. Jacó não fala com os filhos há meses. Ambas as ex-esposas jogaram os filhos contra ele. Quando ele telefona para seus filhos em Nova York, elas batem o telefone. E agora ele mudou-se para longe do filho em Seattle.

Bárbara e Jacó estão sentados em sua igreja em um domingo de manhã.

ser um farol para casais como Bárbara e Jacó e ver sua igreja crescer? Se este for o caso, vamos lá.

## O PERIGO DO ALÍVIO REPENTINO

É importante compreender a principal razão porque muitos pais/mães sozinhos se atiram no namoro e no casamento. Bárbara e Jacó eram divorciados e pai/mãe sozinhos morando em Seattle. Olhemos para as práticas de namoro que os levaram à decisão de casar. Isto ajudará a entender o que aconteceu cedo neste relacionamento.

A Bíblia descreve o divórcio em horrível detalhe. Uma vez que na união de um casal ambos tornam-se uma só carne, a separação é o rasgar por inteiro essa carne em duas partes, deixando buracos abertos e partes de corpo caídas em volta. O divórcio é a comissão de atos horrendos e violentos de traição e dano físico por um ou por ambos os parceiros contra o outro.

Agora acrescente aspectos judiciais, custódia de filho e questões de visitação, problemas financeiros, viver

bara nem Jacó se deram conta de que seus sentimentos intensos um pelo outro eram em grande parte o resultado desta mudança repentina. A intoxicação emocional de cada um estava simplesmente impossível de administrar.

Não-pais/mães são lançados para dentro dos relacionamentos; pais/mães sozinhos são socados para dentro dos relacionamentos. Não-pais/mães tomam seu tempo quando estão namorando e concretizam um relacionamento. Pais/mães sozinhos apaixonam-se de uma refeição para a outra. Eles podem ir do “Oi, tudo bem com você?” para o “Esta é a pessoa com quem eu quero passar o resto da minha vida” no período de algumas horas.

Depois de seu primeiro encontro, Bárbara e Jacó acreditavam saber tudo o que precisavam um a respeito do outro. Desconsideravam todos os problemas que observavam e supunham que fossem uma preocupação pequena no planejamento de suas vidas juntos. Provérbios 27.7 diz: “A alma farta pisa o favo de mel, mas à alma faminta todo amargo é doce.” (ARA). Eles descontavam o fato de Jacó ter sido casado duas vezes, de ele estar afastado de seus filhos e de Bárbara estar morando longe de suas filhas. Tudo no relacionamento era doce.

Como você, como pastor, pode ajudar?

Para pais/mães sozinhos que podem casar-se novamente, antes do namoro, explicar-lhes os sentimentos intensos acarretados por tal contraste. Falar sobre a intoxicação emocional que decorre de uma mudança repentina em seus ambientes. Explicar-lhes que as emoções podem tornar-se quase que inadministráveis. Dizer-lhes que desejarão que seu novo relacionamento avance à velocidade da luz; que Deus irá aparecer corporalmente em sonhos, visões e confirmações sem fim; que irão ignorar o juízo, esquecer quem são, glorificar seu parceiro, esquecer como se namora, deixar a moralidade para trás e (durante este período) esquecer dos seus filhos.

Ensinar-lhes que o casamento só é sustentável para aqueles que são pacientes, desejando movimentar-se deva-

***As complexidades destes relacionamentos múltiplos podem ser traumáticas. Elas podem, e fazem, dismantelar a melhor das famílias.***

Têm boa aparência e são agradáveis no conversar. Ainda assim, um relance em suas vidas interiores revela enormes complexidades e mágoas. Eles precisam de sua ajuda. Mas, como você pode ajudá-los?

Primeiro, você pode atender este casal por meio do que você fala no domingo de manhã. Você pode transmitir que você os entende, está preocupado e, em sua igreja, eles podem encontrar direção e conselho. Este casal pode tornar-se um centro de saúde e estabilidade para si mesmo, para seus filhos e para outros pais/mães sozinhos e famílias recasadas.

Era a este ministério de Jesus ao qual Isaías se referia. Você gostaria de

forçosamente separado dos filhos, tendo um parceiro de vida como ex-cônjuge hostil, tendo ex-amigos e parentes voltados contra você. Estes perfazem os ingredientes que produzem indivíduos extremamente vulneráveis.

Em seu ambiente de sofrimento e dano emocional, imagine o que acontece quando Bárbara e Jacó se encontraram. De repente, experimentaram uma companhia e uma generosidade adulta. Emoções que por tanto tempo estiveram esmagadas foram despertadas de uma hora para outra. Essas emoções pegaram Bárbara e Jacó com a guarda aberta.

Uma mudança tão radical no ambiente pode ser irresistível. Nem Bár-



gar e que fazem uma preparação sábia. Saber o que esperar ajudará os pais/mães sozinhos que estão namorando a não serem pegos desprevenidos, administrar suas emoções fortes e modificar seus hábitos de namoro.

## CONEXÕES FAMILIARES

Tão rápido quando se juntam, as famílias recasadas se deterioram. Aqui está o porquê. Gênesis 2.24 diz: *“Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne”*.

O homem e a mulher que se casam devem viver independentes, separados de seus pais, chefes de suas próprias casas. Imagine o potencial para problemas quando os indivíduos se casam sem deixar a autoridade de seus pais. Sobrepor autoridades e sobrepor relacionamentos podem provocar conflitos. Mas, contraste um primeiro casamento com uma família recasada.

Nos primeiros casamentos, os casais intencionalmente se separam dos relacionamentos e autoridades externas; nas famílias recasadas, os relacionamentos e as autoridades intencionalmente se sobrepõem. Cônjuges do primeiro casamento são independentes e se unem um ao outro exclusivamente. A partir do dia do casamento, as famílias recasadas não são independentes de seus filhos e por isso não se unem exclusivamente a seus parceiros atuais.

A separação de todos os relacionamentos externos traz paz. Sobrepor relacionamentos automaticamente cria dificuldade e aspereza.

Em um primeiro casamento, o marido e a esposa são *“uma só carne”*, com os filhos compartilhando da mesma conexão biológica. Pais e filhos são uma unidade familiar.

Em contraste, os membros de famílias recasadas são tanto biológica como não-biologicamente adultos e crianças relacionados. E os outros pais/mães dos filhos e os outros parceiros dos pais/mães são todos uma voz exercitando controle sobre a família recasada. As complexidades destes relacionamentos múltiplos podem ser traumáticas. Elas podem, e fazem, desmantelar a melhor das famílias.

Você vê isto evidente ao longo das Escrituras e ao longo da história à medida que as múltiplas esposas e filhos que não são do mesmo pai ou mãe se hostilizam entre si e criam um tumulto sem fim — Sara e Hagar; Ismael e Isaque; Lia e Raquel; os filhos de Jacó com o meio-irmão José; a prole contur-

rio dos primeiros casamentos, onde cada membro partilha da mesma conexão biológica, nas famílias de pais/mães sozinhos e nas famílias recasadas toda conexão biológica e não-biológica precisa ser claramente reconhecida.

Veja Bárbara e Jacó. Eles têm um eixo total de nove relacionamentos em

*Não-pais/mães tomam seu tempo quando estão namorando e tornam-se relacionamentos. Pais/mães sozinhos apaixonam-se de uma refeição para a outra*

bada do rei David; os setenta filhos de Gideão; Jefté e seus meio-irmãos; Ana e suas perturbações com Penina — para falar apenas de alguns. Se o relacionamento entre meio-irmãos e irmãs não funciona tão bem, como podemos esperar que relacionamentos não-biológicos funcionem em famílias recasadas?

Bárbara e Jacó estão em meio a este turbilhão. Jacó critica o jeito de Bárbara criar as filhas. As filhas têm mostrado que não querem Jacó se intrometendo em suas vidas. E Bárbara e o pai de suas filhas estão em conflito sobre onde as meninas irão morar. Além disso, por Jacó estar ausente da vida de seus filhos, suas ex-esposas estão jogando o coração dos filhos contra ele.

É possível a harmonia nas famílias de pais/mães sozinhos e nas famílias recasadas? As filhas de Bárbara e Jacó conseguem desenvolver um relacionamento gentil e cuidadoso? Você, como pastor, consegue ajudar? Sim, absolutamente. Eis como.

A Bíblia nos diz que os filhos devem honrar pai e mãe, que devemos amar nossos inimigos e fazer o bem àqueles que nos perseguem, oferecer a face para uma segunda bofetada e caminhar uma milha extra com alguém que está controlando nosso tempo e energia. Além disso, podemos e devemos fazer o seguinte:

Primeiro, fazer os pais/mães identificarem claramente todo relacionamento em família de pais/mães sozinhos ou famílias recasadas. Ao contrá-

rias famílias: (1) as filhas de Bárbara com o pai; (2) Bárbara com suas filhas; (3) Bárbara e Jacó propriamente; (4) Jacó e seus filhos; (5) dois dos filhos de Jacó com sua mãe em Nova York e (6) o terceiro filho de Jacó com sua mãe em Seattle. As conexões não-biológicas incluem (7) Bárbara e seu relacionamento com os três filhos de Jacó e (8) a conexão de Jacó com as filhas de Bárbara. A última série de conexões (9) é entre os filhos que ainda precisam se encontrar.

Cada um destes relacionamentos separados sustenta no ar a posição de, a qualquer momento, ameaçar a estabilidade de Bárbara e Jacó. Bárbara e Jacó devem identificar e satisfazer cada relacionamento individual para que seu casamento permaneça em paz.

Segundo, uma vez que Bárbara e Jacó identificaram os relacionamentos familiares, estes relacionamentos tornam-se metas individuais para Bárbara e Jacó aceitarem — não se oporem. Bárbara e Jacó não devem resistir ou lutar contra qualquer desses relacionamentos. E devem constituir o exemplo, honrando e apoiando toda conexão e relacionamento dentro e em torno da família recasada.

Aceitar vínculos e conexões de parentesco significa os pais/mães ou pais/mães não-biológicos permitirem que os outros pais/mães e pais/mães não-biológicos os plenos direitos e privilégios a eles devidos. Aceitação significa que permitem que outros adul-

tos vivam suas próprias vidas como acham melhor. Aceitação não significa aprovação. Não significa que um núcleo de pais/mães precise aprovar o estilo de vida do outro núcleo de pais/mães ou o método que usam para criar filho. Mas eles e seus filhos devem respeitar e honrar a posição do pai/mãe biológico, do pai/mãe não-biológicos e seus filhos, se adquiridos ou não. Todo pai/mãe e todo padrasto/madrasta devem ser vistos como fator importante e vital para o bem-estar emocional de seus filhos.

Gostando ou não, as pessoas que compõem a outra família de seus filhos, cada laço e cada conexão agregada são elementos fundamentais na promoção do bem-estar de seus filhos, bem como da felicidade de sua própria família recasada.

Pedro escreve: “ (...) *sede todos de igual ânimo, compadecidos, fraternalmente amigos, misericordiosos, humildes, não pagando mal por mal ou injúria por injúria; antes, pelo contrário, bendizendo, pois para isto mesmo fostes chamados, a fim de receberdes bênção por herança*”. (1Pe 3.8-9 - ARA). A Bíblia está dizendo a Bárbara e a Jacó para serem gentis, ponderados e solícitos — e instruir seus filhos a se comportarem exatamente da mesma maneira.

Aliás, a própria família deste autor tem 23 relacionamentos provenientes de separações, comparados com os nove de Bárbara e Jacó. Quando dizemos que identificar e aceitar cada relacionamento é importante, não estamos brincando.

## MANEIRAS DE PENSAR

Os membros da família em um primeiro casamento compartilham da mesma maneira de pensar — são todos membros da mesma família.

Aqueles que pertencem a uma casa de pai/mãe sozinho e a famílias recasadas não compartilham da mesma maneira de pensar. Mesmo os pais e seus próprios filhos pensam de maneira diferente. A mãe sozinha não reconhece seu ex-marido como uma parte de sua vida, porém seu filho o reconhece como pai. O pai casado novamente

## Recursos para Ministrar a Famílias Recasadas

Os endereços a seguir fornecem material e recursos para famílias recasadas:

### InStep Ministries

<http://www.instepministries.com/>

### Successful Stepfamilies

<http://www.successfulstepfamilies.com/>

### Designing Dynamic Stepfamilies

<http://www.designingdynamicstepfamilies.com/>

reconhece sua nova esposa como parte da família, embora sua filha ache que “essa mulher não é minha mãe”.

Essas maneiras de pensar definem o comportamento (Pv 23.7). Como os filhos pensam e como os pais pensam é como irão se comportar. Além disso, como pais, não está em nossa natureza admitir que nossos filhos pensem e se comportem de maneira diferente da nossa maneira de pensar. Queremos que nossos filhos compartilhem de nossos valores e crenças, Quando isto não acontece, nós objetamos. Até mesmo o apóstolo Paulo disse a uma de suas igrejas: “(...) *pelo evangelho, vos gerei em Cristo Jesus. Admoesto-vos, portanto, a que sejais meus imitadores*.”.

Este é o problema entre Jesus e Sua mãe e Seu pai em Lucas 2. Sem o conhecimento de Maria ou José, o jovem Jesus ficou para trás e permaneceu vários dias no templo até que Seus pais finalmente o encontrassem. Reparemos bem as palavras: quando descobrimos Jesus, Maria disse-lhe: “*Filho, por que fizeste assim conosco? Teu pai e eu, aflitos, estamos à tua procura*”. E Ele disse-lhes: “*Por que me procuráveis? Não sabíeis que me cumpria estar na casa de meu Pai?*” (vv 48,49 - ARA).

Viu as maneiras de pensar? E viu a diferença nos comportamentos? Maria disse, “*Seu pai e eu...*”.

Jesus disse: “*Não sabíeis que me cumpria estar na casa de meu Pai?*”. Entre Jesus e Sua mãe havia diferença no uso do termo pai. Maria estava se referindo a José; Jesus, a Seu Pai no céu.

Se a família de Jesus estava dividida pela maneira de pensar e pelo comportamento diferentes, é fácil imaginar os problemas que podem surgir na casa dos pais/mães sozinhos e das famílias recasadas.

Essas diferenças na maneira de pensar estão afetando seriamente a família recasada de Bárbara e Jacó. Veja o número elevado de maneira de pensar em oposição um ao outro: pais se opondo a pais, ex-esposas se opondo entre si, filhos em conflito com pais. Essas situações cheias de tensão são catastróficas para a saúde emocional de todo mundo, especialmente dos filhos.

Qual é a solução?

Identificar e respeitar maneira de pensar. Enumerar como todo mundo na família recasada precisa responder aos outros membros da família. Então os adultos precisam honrar e trabalhar com essas maneiras de pensar. Isto é mais difícil do que se possa imaginar. Por exemplo, Bárbara e Jacó reconhecerem que as filhas de Bárbara precisam amar tanto o pai como a mãe, mas devem também respeitar e ser gentis com Jacó. Eles fazerem então todo o possível para apoiar esta maneira de pensar. Bárbara certamente tentará fortalecer seu próprio relacionamento com suas filhas, mas deve também apoiar o relacionamento das filhas com o pai. Jacó fará de tudo o que puder para ajudar Bárbara e suas filhas a recuperarem a proximidade que havia entre elas. Ele também irá tentar intensificar o relacionamento de suas enteadas com o pai.

E, com o direcionamento de Bárbara e o comportamento servil de Jacó, as filhas podem então querer aceitar Jacó como parte da família.

Bárbara deve ver a si mesma como uma serva de Jacó e de seus filhos e de sua maneira de pensar. Ela deve fazer de tudo o que puder para ajudar a curar a divisão e a animosidade existente entre Jacó e seus filhos. Deve apoiar seu desejo de viajar para Nova York e para Seattle para ver os filhos. Ela pode também ajudar a começar um processo longo de trazer restauração para o relacionamento entre Jacó e suas ex-esposas, possivelmente tentando conhecê-las.

## EDUCANDO/ DEIXANDO EDUCAR

Até mesmo dois excelentes pais podem arruinar uma boa família recasada. A falta de acordo entre esposas a respeito de como criar filhos irá provavelmente acabar com uma boa família recasada. Pais/mães são famigerados por deixar a disciplina escorregar; os pais/mães recasados, por serem muito exigentes. Certo ou errado, o pai/mãe da criança deve, por fim, controlar como ele/ela irá criar seu filho. Se o nível de criação de um pai/mãe for baixo e este/esta recusar a se mexer, o pai/mãe não-biológico não tem outro recurso senão ser cúmplice àquele nível. *De-parenting* (deixando educar) significa se afastar e permitir ao pai/mãe da criança o pleno controle sobre seus próprios filhos.

Deixar educar é um problema imenso entre pais/mães não-biológicos. Temos, repetidamente, visto pais recasados arruinarem bons casamentos por não saberem ser flexíveis e não conseguirem aprender a deixar educar.

Jesus estabeleceu o exemplo deste tipo de flexibilidade. Jesus é Messias e Rei; ainda assim, quando veio à terra, não exerceu Seus direitos de Messias ou Rei. De fato, Ele fez o oposto. Paulo diz que Jesus a Si mesmo Se esvaziou, tomando a forma de um servo, tornando-se semelhante a homens. Nem tampouco esmagaria a cana quebrada ou apagaria a torcida que fumeja (Fp 2.7; Mt 12.20).

Os pais recasados conseguem se-

guir este exemplo? Um pai recasado consegue renunciar aos direitos de criação legítimos e tomar a forma de um servo, submetendo-se ao jeito de criação da esposa? Um pai recasado consegue conquistar os enteados por meio do auto-sacrifício e do serviço ao invés da exigência e da força?

Bárbara e Jacó se encontram neste dilema. Bárbara estabeleceu o padrão de criação. Será que Jacó consegue praticar o *“de-parenting”* ao nível de Bárbara? Qual a solução para Jacó?

O modelo que Jacó precisará seguir é o modelo dos avós — onde pai/mãe faz todo o trabalho necessário e os avós mimam as crianças. Jacó pode se tornar como a figura do avô, isento do peso da criação. Isto irá permitir que Bárbara crie suas filhas sem interferência. Se surgem dificuldades com as crianças, tudo recai sobre Bárbara. Jacó, por outro lado, pode aprender a divertir-se com suas enteadas. Pode aprender a cuidar delas e aceitá-las como são, com as coisas boas e as ruins. Pode ser uma das melhores fontes de encorajamento para Bárbara.

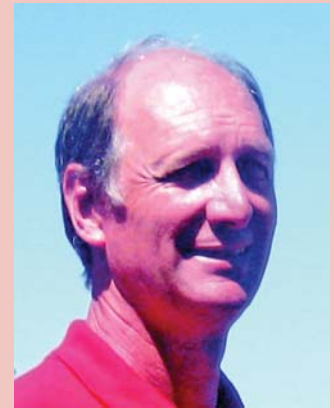
Seguindo o exemplo de Jesus e a ideia assumir o modelo de avô, Jacó deve acentuar o positivo, trazendo cura e graça para a nova família.

## CONCLUSÃO

O pecado está grassando destruição entre as famílias em nossas comunidades, com o resultado que o pai/mãe sozinho e as famílias recasadas são agora uma parte significativa de sua congregação. Você deve reeducar-se para lidar de forma construtiva e prestimosa com estes sistemas familiares crescentes.

O cuidado inteligente e o apoio sábio são criticamente necessários. Essas famílias estão magoadas; estão continuamente sendo machucadas. São candidatas primazes para aqueles a quem Cristo deseja conferir misericórdia e não sacrifício. Este campo de ministério está propício e pronto para a colheita. Os trabalhadores são poucos.

Façamos uso das estradas e dos atalhos para que Sua igreja fique completa. ■



**DONALD R. PARTRIDGE**  
**Ph.D.**

*Reside em Pleasanton, Califórnia.*

*É fundador e diretor do  
Institute for Family  
Research and Education.*

*Ele e sua esposa, Jenetha,  
orgulham-se de serem  
pais/pais recasados de uma  
família rearranjada com  
sete filhos.*

*O último livro do casal,  
**Loving your Stepfamily:  
The Art of Making Your  
Blending Family Work,**  
apresenta informações e  
conselhos úteis a respeito  
de como famílias recasadas  
podem construir  
relacionamentos altamente  
satisfatórios.*

*Para maiores informações  
acerca de famílias  
recasadas, visitar*

[www.blendingfamily.com](http://www.blendingfamily.com)

# SEJA UM BARNABÉ, SIGA UM PAULO, TREINE UM TIMÓTEO

POR PAUL R. MARTIN



Em um mundo de crescente desconectividade e números declinantes no ministério vocacional, não deveria soar como surpresa que as dinâmicas relacionais de desenvolvimento ministerial estão sendo revisitadas. Expressões como mentor, grupo pequeno, e grupo de responsabilidades (prestação de contas) são zumbidos ressaltando as questões sintomáticas que resultam da falta de relacionamentos significantes.

O ministério requer relacionamentos abertos e confiáveis. Sentimentos, comportamentos ou atitudes impróprias inflamam quando cobertas com um manto de segredo. Infelizmente, com frequência maior do que queremos admitir, isto rende o homem de Deus espiritual e emocionalmente aleijado.

Talvez “conhecer e ser conhecido” fosse um chamado oportuno para todos os líderes na igreja do Senhor. Jesus tinha três círculos íntimos de amigos. O apóstolo Paulo tinha seus companheiros confiáveis de ministério, como registra todo o Livro de Atos. John Wesley tinha o Clube Santo (Holy Club), repleto de uma série de questões de sondagem que iam muito mais além do “Quanto você está correndo?” ou “Qual o resultado de sua partida de futebol?”.

Eu, às vezes, fico a imaginar, quem de fato me conhece – os meus sentimentos, minhas lutas, minhas fraquezas?

Alguns pastores acreditam que tenham relacionamentos de prestação de contas de longa distância. Na verdade, porém, para a maioria, somente o que é partilhado de bom grado é o que é conhecido. Alguns têm a expectativa de que uma plataforma pública os forneça salvaguarda; outros se associam a um grupo pequeno.

A prestação de contas não é garantida por um certo relacionamento desde que o relacionamento propriamente não tenha a habilidade de fazer-nos responsáveis. Devemos nós mesmos nos tornar responsáveis. A menos que de bom grado alguém se submeta a outro, a vulnerabilidade de uma vida duplicada permanece. Transparência, abertura, honestidade, etc. não podem jamais ser impostas; antes, elas provêm de um senso de temor ao Senhor.

No dia em que o número de ministros cristãos estiver em drástico declínio, talvez uma revisita a alguns relacionamentos ministeriais básicos possam ajudar a mudar o curso dos acontecimentos. Pelo menos três relacionamentos-chaves emergem de uma visão global dos modelos de ministério no Livro de Atos. Talvez, através de uma aplicação piedosa desses exemplos e da introspecção de nossos próprios relacionamentos ministeriais, o Espírito Santo possa iluminar nossas realidades. Que pela graça de Deus casualidades futuras entre líderes cristãos possam ser evitadas.

## SEJA UM BARNABÉ

Podemos imaginar se Paulo o teria feito sem Barnabé. A poeira de Damasco pode ainda ter ficado sobre as sandálias.

as de Paulo. O temor das ameaças mortais de Paulo àqueles no Caminho eram ainda uma realidade quando Barnabé o conduziu aos apóstolos e comprovou a veracidade de seu testemunho (At 9.26-27). Barnabé não precisava ter feito isto, mas seu ato de encorajamento foi que propiciou o vínculo necessário entre Paulo e o cumprimento de seu chamado. Muitos anos depois, Barnabé foi preparado pelo Espírito Santo para procurar Paulo (At 11.25). Sem dúvida, o testemunho da estrada para Damasco havia sido esquecido pela maior parte das pessoas, mas não por Barnabé.

Fazendo jus a seu nome, Barnabé parecia estar sempre procurando alguém a quem encorajar no ministério. O construtor de tendas de Tarso havia aparentemente sido negligenciado pela igreja estabelecida e ignorado para atribuições ministeriais significantes. Mas Barnabé lembrava. Por causa da influência de Barnabé, a igreja de Antioquia encontrou um lugar para Paulo e ajudou-o a desenvolver relacionamentos confiáveis e um respeitado ministério de ensino (At 11.26; 13.1-2).

Esta não foi a única vez que Barnabé tomou uma iniciativa desta natureza. Lembra de João Marcos (At 15.37)? Independente da bagagem ou da falha do passado, Barnabé estava lá.

Quantos ministros tem precisado de um Barnabé nos dias de hoje para acompanhá-los e dar uma oportunidade ministerial? Quantos ministros abatidos sentam-se nas laterais por causa de uma falha? Sua igreja não cresceu. O voto não foi forte o bastante para permanecer. O programa foi um desastre. Um casamento ou relacionamento familiar desintegrou-se. Onde está o irmão ou irmã do gênero Barnabé do primeiro século para buscar o esquecido, acreditar na chamada divina, esperar pelo melhor?

O século XXI necessita de números maiores de ministros com a forma de pensar de Barnabé. Desertar o chamado é pandemia. Seja um Barnabé. Os sofrendores silenciosos estão escondidos na sombra do sucesso de outros. Seja um Barnabé. O desafio está na nossa frente. Perscrute a topografia para encontrar o desviado, o negligenciado, o rejeitado. Seja um Barnabé. Procure alguém que tenha falhado e esteja desencorajado. Seja um Barnabé. Reter nossos ministros certamente ajudará a reverter a tendência de números decadentes no ministério vocacional.

## SIGA UM PAULO

Muito tem sido falado hoje a respeito de mentorear. A necessidade, sem dúvida, vem se exacerbando pelas realidades sociológicas do século XXI. O colapso nas casas onde filhos e filhas têm relacionamentos distantes ou inexistentes com seus pais certamente tem exercido um efeito negativo sobre o desenvolvimento da liderança. Em épocas passadas, o filho trabalhava juntamente com o pai, aprendendo não somente habilidade e competência, mas também comportamento e valores. Onde isto acontece hoje? Colegas em

uma sala de aula aprendendo teoria?

A vida real é diferente da teoria de laboratório. Uma educação em si não prepara ninguém para a vida. Da mesma forma que um avião possui duas asas, o cognitivo deve ser equilibrado com aplicação prática.

Pense na lista de indivíduos no Novo Testamento que foram impactados pelos apóstolo Paulo. Isto aconteceu em uma sala de aula formal com Tito, Onésimo, Lucas e Silas? Provavelmente não. Antes, o treinamento fundamental deles nas Escrituras foi baseado em contexto e aplicação, uma vez que o ministério apostólico ia de cidade em cidade.

Quem é o Paulo do século XXI que você está seguindo? A observação nos diz que o mentoreamento não é mais bem cumprido através de um programa formal. O mentoreamento acontece melhor quando a pessoa que deseja formação o busca.

“Você irá mentorear-me?” não é, provavelmente, a pergunta certa. Mentoreamento ocorre à medida que assistimos, ouvimos, servimos, seguimos, aprendemos, lemos, respigamos, emulamos.

No dia de Elias, este processo ocorreu pois *“ambos foram juntos”* (2Rs 2.6). *“Tão certo como vive o SENHOR e vive a tua alma, não te deixarei”* personifica a decisão de Eliseu de seguir Elias. Cada ministro precisa seguir alguém que se exceda em alguma área da vida ou ministério. Graças à tecnologia e ao deslocamento do século XXI, o mundo todo está aberto para nós através da mídia impressa — clássica e atual — fitas, CDs interativos, *internet*, conferências e rede de relacionamento. Isto permite a qualquer ministro, onde quer que esteja servindo, conectar-se com qualquer líder cristão, em qualquer lugar.

Mentorear não é algo que alguém faça por outra pessoa; é o resultado de uma busca diligente da vida e do ministério de outra pessoa. Assim sendo, siga um Paulo. Olhe em volta. Sintonize em alguém que você respeite. Peça piedosamente a Deus para conduzir você a influenciadores que possam exercer um impacto formativo sobre sua vida.

Seguir um Paulo não é uma atividade solitária para o ministro mais jovem. Todos podem se beneficiar sendo eternos aprendizes. Siga um Paulo. Talvez a taxa de atrito dos ministros possa ser normalizada.

## TREINE UM TIMÓTEO

Um terceiro relacionamento chave para o desenvolvimento de um ministro que observamos no Novo Testamento esteja personificado em treinamento. Quando, como ministro, você encontrar um seguidor motivado e disposto, tome tempo, gaste energia e invista em treinamento.

O treinamento é uma atividade cíclica envolvendo instrução, implementação, observação e avaliação. Neste modelo, o evento de ensino/instrução é tão somente um componente no processo de treinamento. O treinamento dá oportunidade futura para implementação e observação com

## INVENTÁRIO DE MENTOR EM POTENCIAL

Você deve estar se perguntando sobre suas condições de servir como mentor para uma outra pessoa. Responda as perguntas abaixo para ajudá-lo a avaliar sua adequabilidade:

- Você é uma pessoa paciente?  
Enxerga à distância?
- Qual sua área de competência?  
Em que habilidades você está qualificado, e qual sua área de especialização?
- Quão fortes são sua habilidades interpessoais? Seus relacionamentos são, em geral, sadios?
- Você é uma pessoa com compreensão de processo?  
Você é capaz de tolerar as pessoas enquanto elas se desenvolvem?
- Você está a fim de correr riscos?
- Você está a fim de aceitar a responsabilidade de ajudar alguém a crescer?
- Você é capaz de emular?  
Deus aprovaria se alguém adotasse seu comportamento, atitude, valores, linguagem e maneirismos?
- Você está disposto a recuperar o tempo perdido de alguém?
- Há algum pecado ou situação não sadia que você não conduziu e que poderia, possivelmente, prejudicar o relacionamento com outra pessoa?
- Você acertou a questão do senhorio de Cristo sobre sua vida?  
Você está fundamentalmente comprometido a honrá-LO em todas as áreas?

Adaptado de *As Iron Sharpens Iron* (Moody Press, 1995; *Como o Ferro Afia o Ferro*, Shedd Publicações, 2008), de Howard e William Hendricks. Uso autorizado.

*feedback* avaliativo, seguido de uma instrução futura à medida que necessário com o ciclo em continuidade.

O treinamento intencional é necessário nas fileiras de nossos ministérios hoje. As habilidades precisam ser aprendidas e as competências precisam ser refinadas. Muitos jovens Timóteos precisam desesperadamente aumentar sua eficácia. Precisam ser bem treinados.

Enquanto o resultado principal pode ser o de o jovem ministro ser treinado e tornar-se mais eficaz, muitas coisas acontecem como um subproduto desta atividade. O benefício também ocorre para quem está aplicando o treinamento. À medida que compartilha os princípios, estes são reforçados mais adiante na mente e no coração do instrutor, fortalecendo, assim, a fé e a decisão no treinando. Além disso, uma certa dose de prestação de contas é aplicada à vida do treinador, *“para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado”* (1Co 9.27). Ademais, a alegria brota no coração de quem está investindo energia no treinamento quando aquelas pessoas influenciadas tornam-se eficazes no serviço a Deus. Referindo-se ao amigo Gaio, o apóstolo João disse: *“Não tenho maior alegria do que esta, a de ouvir que meus filhos andam na verdade.”* (3Jo 4).

Ministros bem treinados têm um potencial maior para a longevidade no ministério, da mesma forma que os maratonistas bem treinados têm uma melhor chance de concluir a corrida. Treine um Timóteo. Além disso, o processo e a disciplina de treinar outra pessoa podem exercer um efeito positivo no instrutor por meio de reforçar a verdade; propiciam responsabilidades (prestação de contas) e acrescentam um fator de alegria ao ministério.

### CONCLUSÃO

Se todo ministro procurasse ser um Barnabé, seguir um Paulo e treinar um Timóteo, muitos ministros nas laterais ou nas arquibancadas poderiam estar ativos nas designações ministeriais. Em busca do tão necessário mentoreamento, os ministros, como eternos aprendizes, poderiam estar mais bem preparados para a longa jornada. Quando mentoreados, jovens ministros serão mais eficazes no trabalho ministerial. E aqueles que se oferecem para treinar serão adiante encorajados e resguardados ao longo da caminhada rumo *“ao prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus.”* (Fp 3.14).

Quanto mais ministros bem aparelhados tivermos ativos no ministério para a longa caminhada, mais positivo e profundo o efeito sobre o número declinante de ministros. Seja um Barnabé, siga um Paulo e treine um Timóteo. ■

PAUL R. MARTIN é pastor da First Assembly of God, em Rockford, Illinois, EUA, e ex-superintendente das Assembleias de Deus do Distrito de Illinois.